



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
INSTITUTO DE ESTUDOS EM SAÚDE COLETIVA

MARIANA DA SILVA LOPES

REFLEXOS DIGITAIS: padrões de beleza, saúde mental e experiências de mulheres negras
com a imagem corporal nas redes sociais

Rio de Janeiro

2024

MARIANA DA SILVA LOPES

REFLEXOS DIGITAIS: padrões de beleza, saúde mental e experiências de mulheres negras
com a imagem corporal nas redes sociais

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos
em Saúde Coletiva, da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Adriana de Araujo Pinho

Rio de Janeiro

2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIANA DA SILVA LOPES

REFLEXOS DIGITAIS: padrões de beleza, saúde mental e experiências de mulheres negras com a imagem corporal nas redes sociais

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva

Aprovada em: 12 de janeiro de 2024.

Prof^a. Dra. Adriana de Araujo Pinho (Orientadora)

IESC/UFRJ

Prof^a. Dra. Jacqueline Fernandes de Cintra Santos

IESC/UFRJ

Prof. Dr. Gabriel Eduardo Schütz

IESC/UFRJ

Dedico este trabalho aos meus amados avós por sempre me apoiarem nos meus estudos. E a Deus por me ajudar a alcançar meus objetivos. Sou muito grata por tudo.

.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha gratidão a Deus por não desistir de mim, mesmo nos momentos mais desafiadores e enlouquecedores, sempre me ajudando a seguir em frente, dando forças para continuar.

À minha querida avó Neusa, um grande pilar de apoio. Obrigada por sempre torcer por mim e apoiar minhas escolhas.

Ao meu querido avô Sebastião, que, embora não esteja mais presente fisicamente, deixou um legado de persistência e sabedoria que carrego no coração.

Ao amor da minha vida, Rafael Bento, meu porto seguro. Agradeço por sua paciência, por enfrentar minhas angústias e ansiedades, e por ser meu suporte emocional durante todo o processo acadêmico e pessoal. Sua presença foi fundamental nos momentos em que eu mesma duvidava de mim.

À Deborah Cavalcanti, minha irmã de outra mãe. Desde o início da graduação até hoje, sua amizade tem sido um alicerce vital. Obrigado por me ouvir, apoiar e ser parte essencial da minha jornada.

À Luziana Lima, pelo suporte nos momentos cruciais, oferecendo um respiro em meio ao caos.

À Édnei César por suas valiosas opiniões, e à Alice Neris que foi um anjo durante a construção dessa monografia. Suas conversas e dicas foram inestimáveis.

Às minhas professoras, em especial Adriana Pinho, minha orientadora compreensiva, que aceitou me orientar quando mais precisei, sou muito grata.

À Gabriel Schütz e Jacqueline Cintra, por aceitarem participar da minha banca, agradeço de coração.

À Jefferson Fernandes, meu preceptor de estágio, pelas valiosas contribuições de materiais e dicas para a monografia.

À Vivi, minha amiga de estágio, pelas longas conversas e compartilhamento de materiais.

À Piper, meu fiel companheiro de quatro patas, por nunca sair do meu lado, mesmo nos momentos de tristeza e estresse.

Aos bibliotecários Roberto Unger, Sheila Ferreira e Bárbara Nóbrega por suas dicas na metodologia desta monografia.

E aos meus pais, irmãos e cunhada por sempre desejarem o melhor para mim.

Cada um de vocês contribuiu de maneira significativa para o sucesso deste trabalho!

Não aceito mais as coisas que não posso mudar, estou mudando as coisas que não posso aceitar.

Angela Davis

RESUMO

LOPES, Mariana da Silva. **Reflexos digitais:** padrões de beleza, saúde mental e experiências de mulheres negras com a imagem corporal nas redes sociais. Monografia (Graduação em Saúde Coletiva) – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O avanço tecnológico trouxe diversas mudanças no cotidiano das pessoas, principalmente nas redes sociais. Enquanto as plataformas de mídias sociais possibilitam conexões e acesso à conteúdo, estudos indicam que há uma grande exposição a padrões de beleza hegemônicos que podem impactar a saúde mental das mulheres de diversas formas, particularmente de mulheres negras devido ao racismo que estrutura as relações e normas sociais. **Objetivo:** Analisar a relação entre os padrões normativos de beleza nas redes sociais e sua influência na saúde mental de mulheres negras. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura. Foram utilizadas quatro bases de dados: *PsycINFO (APA)*, *Scopus*, *ScienceDirect* e *Portal Regional da BVS*, utilizando a combinação dos descritores relacionados à imagem corporal, beleza, redes sociais, saúde mental e mulheres negras. Na estratégia de busca foram elaboradas 12 sintaxes para cada base de dados, considerando suas particularidades. **Resultados:** No total, foram selecionados 1.059 estudos, sendo 1.055 excluídos por conta de duplicidades e não adequação aos critérios de inclusão. Apenas quatro materiais foram incluídos para análise, mas somente três foram acessíveis e analisados. Os estudos analisados discorreram sobre como a exposição aos padrões hegemônicos de beleza veiculados nas redes sociais pode aumentar a insatisfação corporal entre mulheres negras e, conseqüentemente, propiciar ou exacerbar problemas de saúde mental. A manipulação e investimento em fotos tem impactos negativos na autoestima de mulheres negras. Por outro lado, seguir pessoas do mesmo grupo racial contribuiu para a auto-apreciação corporal. **Conclusão:** A interação entre cultura e pressões estéticas desempenham um papel significativo nas experiências individuais e coletivas, e construção das subjetividades. A exposição contínua a padrões de beleza presentes nas plataformas, altamente visuais, pode ter um impacto negativo na autoestima dessas mulheres, levando a comparação e insatisfação com sua aparência. Dessa forma, as análises evidenciam que esses padrões normativos de beleza nas redes sociais têm implicações significativas na saúde mental de mulheres negras.

Palavras-chave: rede social; imagem corporal; beleza; saúde mental; normas sociais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fluxograma de busca com base no PRISMA.....	34
Tabela 1 - Descritores e palavras-chave utilizadas.....	22
Tabela 2 - Sintaxe elaborada para <i>PsycINFO (APA)</i>	23
Tabela 3 - Sintaxe elaborada para <i>ScienceDirect</i>	25
Tabela 4 - Sintaxe elaborada para <i>BVS</i>	27
Tabela 5 - Sintaxe elaborada para a <i>Scopus</i>	29
Quadro 1 - Distribuição dos materiais estudados segundo o título, material, autor e ano de publicação.....	35

APRESENTAÇÃO

Considerando todo meu percurso acadêmico, a partir do segundo período despertou um interesse enorme na área de Ciências Sociais e Humanas. Fiz algumas disciplinas em específico que me motivaram em muitos sentidos, como: Saúde e Sociedade, Ciência e Saúde Coletiva, Gênero e Saúde e Saúde Mental, e fui monitora de duas dessas.

Durante a graduação, consegui notar como a sociedade é dinâmica e está em constante transformação. Aprendi que é interessante abordar a saúde coletiva não apenas com o olhar voltado para a doença, mas no indivíduo, levando em consideração os acontecimentos históricos e culturais diversos em cada sociedade. Desse modo, quando pensamos em saúde e cuidado, é preciso mergulhar no social, nos contextos diversos que influenciam as experiências no processo saúde-doença, considerando que cada indivíduo é único e reage a esse processo de forma diferente, e estudar sobre, foi algo que mudou a minha forma de pensar. Tudo isso, aos poucos, foi me motivando para chegar a este tema da monografia, além de próprias experiências pessoais em relação às redes sociais e saúde mental. Sendo assim, esse meu trajeto acadêmico e pessoal me possibilitaram a refletir sobre essa temática, principalmente voltada para mulheres negras.

Dessa forma, investigar sobre essas questões dentro do escopo das Ciências Sociais e Humanas, considerando a subjetividade e experiência de cada pessoa sobre tal processo, é útil para entender questões mais complexas da saúde que vão além dos fatores biológicos e fisiopatológicos, mas na compreensão das diferentes dimensões, sejam sociais, culturais, comportamentais e psicológicas, explorando como a sociedade e seu funcionamento, sua estrutura, seus valores e relações sociais, influenciam a saúde, seja de forma positiva ou negativa.

Logo, ainda no final da Graduação, tive o privilégio de ser aprovada no Mestrado Acadêmico em Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP). Sendo assim, eu como mulher negra e sanitária, quero contribuir para o campo da Saúde Coletiva, estabelecendo uma conexão entre saúde e sociedade, sendo possível trabalhar com pesquisa social em saúde para melhor compreensão das dinâmicas que influenciam a saúde da população. Além disso, pretendo dar sequência a essa temática da monografia, pois o assunto tem sido pouco retratado.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 CONSTRUÇÃO SOCIAL SOBRE BELEZA E FEIÚRA	11
1.2 REDES SOCIAIS E PADRÕES NORMATIVOS SOBRE BELEZA	14
1.2.1 As Redes Sociais	14
1.2.2 Normas Sociais, Padrões de Beleza e Saúde Mental	15
1.3 BELEZA, RACISMO E SAÚDE	16
2 OBJETIVOS	20
2.1 OBJETIVO GERAL	20
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
3 MÉTODO	21
3.1 TIPO DE ESTUDO.....	21
3.2 ESTRATÉGIAS DE BUSCA.....	21
3.2.1 Estratégia de busca na base PsycINFO (APA)	22
3.2.2 Estratégia de busca na base ScienceDirect	24
3.2.3 Estratégia de busca na base Portal Regional da BVS	26
3.2.4 Estratégia de busca na base Scopus	28
3.3 FILTROS PARA BUSCA	31
3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE ESTUDOS	31
3.5 MATERIAIS PARA REFERÊNCIAS GERAIS.....	32
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	33
4.1 LIMITAÇÕES	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

É evidente que o avanço da tecnologia no decorrer das décadas gerou diversas mudanças, que podem ser benéficas ou maléficas no cotidiano das pessoas. As redes sociais possibilitaram às pessoas se conectarem, terem contatos com amigos e familiares próximos ou distantes, assim como terem acesso rápido a informações num mundo globalizado.

Contudo, muitos estudos apontam que plataformas digitais como *Snapchat*, *Facebook* e, mais precisamente, o *Instagram*, podem afetar a saúde mental de mulheres, inclusive negras, podendo gerar mudanças no comportamento de suas usuárias. Pois, nesses ambientes virtuais a busca por aceitação, por meio de comentários e “likes”, na expectativa de receber um feedback positivo, pode influenciar tanto positivamente a autoestima quanto negativamente (Brunelli; Amaral; Silva, 2019).

O debate a respeito dos padrões de beleza reproduzidos nas redes sociais não é um assunto de simples discussão. Devem ser considerados inúmeros processos históricos e socioculturais para sua compreensão, sendo algo que a cultura construiu sobre o corpo das mulheres.

Desta forma, essas mídias sociais, principalmente o *Instagram* que é a principal rede de compartilhamento de imagens, podem ter efeitos na saúde de mulheres negras quando reproduzem padrões de beleza hegemônicos em que tais mulheres não se reconhecem. Isso faz com que muitas pensem na possibilidade de realizar procedimentos estéticos para ficarem parecidas com os filtros “embelezadores” ou com outras pessoas (Brunelli; Amaral; Silva, 2019), podendo fazer comparações sobre seus corpos, afetando sua autoestima, e consequentemente, levando ao adoecimento mental (Campos; Faria; Sartori, 2019).

O título "REFLEXOS DIGITAIS: Padrões de Beleza, Saúde Mental e Experiências de Mulheres Negras com a Imagem Corporal nas Redes Sociais" sugere que o trabalho desperta a visibilidade de como as mulheres negras lidam com as pressões estéticas pautadas por padrões hegemônicos de beleza nas redes sociais e como isso afeta a maneira como se vêem e na sua saúde mental. O termo "Reflexos Digitais" foi utilizado para representar o mundo online, quando uma foto é tirada, e o reflexo da pessoa é postado nas redes sociais, sua aparência; isto é, a imagem que quer passar, a forma como quer ser vista. O intuito é mapear na literatura científica estudos que investiguem a relação entre padrões de beleza, saúde mental e experiências de mulheres negras com a imagem corporal nas redes sociais.

1.1 CONSTRUÇÃO SOCIAL SOBRE BELEZA E FEIÚRA

O conceito de beleza muda de acordo com a sociedade e período histórico (Hérmendez *et al.*, 2021; Laughter *et al.*, 2023). O debate acerca do assunto existe por muito tempo, da mesma forma que a preocupação sobre estética. Sendo assim, pode-se dizer que esse conceito já apresentou variadas representações, sejam positivas ou negativas, a depender da época. Na Idade Média, por exemplo, num período de grande influência da Igreja Católica, as concepções sobre saúde e doença partiam de um pensamento mágico-religioso, visto que qualquer sinal de adoecimento, por exemplo, estava precisamente ligado a condutas morais, e sinais ou marcas nos corpos, como o caso da pessoa “leprosa” (Seliar, 2019), hoje hanseníase, poderiam ser considerados castigo divino. Além de um corpo adoecido e exilado, era considerado algo feio. No período do Renascimento, o “segundo sexo” era remetido a algo puro e angelical, demonstrado nos quadros e pinturas renascentistas - como a “Monalisa” de Leonardo Da Vinci e “O Nascimento de Vênus de Sandro Botticelli”, exalando perfeição e reforçando o padrão de beleza da época (branco e europeu).

A beleza é buscada desde a antiguidade até os tempos atuais, com uma história rica em invenções (Sant’Anna, 2014) e reflexões filosóficas. Eco (2004) defendia que o “belo” trata-se de um adjetivo que indica algo agradável ao olhar, criando um laço entre o que é “bom” e que o ser humano gostaria de ter ou possuir. Contudo, isso parte de algo subjetivo. Sendo assim, as pessoas podem achar beleza nos elementos que constituem a natureza, assim como na arte, objetos, e não somente voltado à aparência física, mas toda uma composição do que constitui a vida, como também é apontado por Eco (2004).

No livro *O Mito da Beleza*, Wolf (1992) afirma que a beleza seria um sistema de crenças que mantêm o domínio masculino, em que são expressas relações de poder no qual mulheres competem entre si por recursos que homens se apropriaram. Além disso, também ressalta que “[...] não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica” (Wolf, 1992, p. 15).

Em *A História da Feiúra*, Eco (2007) esclarece que ambos os conceitos, beleza e feiúra, variam entre culturas e períodos históricos, sendo os sinônimos de belo voltados para boas reações, enquanto feio estaria atrelado a reações ruins, como afirmado no seguinte trecho:

Se examinarmos os sinônimos de belo e feio, veremos que, enquanto se considera belo aquilo que é bonito, gracioso, prazenteiro, atraente,

agradável, garboso, delicioso, fascinante, harmônico, maravilhoso, delicado, leve, encantador, magnífico, estupendo, excelso, excepcional, fabuloso, legendário, fantástico, mágico, admirável, apreciável, espetacular, sublime, soberbo; é feio aquilo que é repelente, horrendo, asqueroso, desagradável, grotesco, abominável, vomitante, odioso, indecente, imundo, sujo, obscuro, repugnante, assustador, abjeto, monstruoso, horrível, hórrido, horripilante, nojento, terrível, terrificante, tremendo, monstruoso, revoltante, repulsivo, desgostante, aflitivo, nauseabundo, fétido, apavorante, ignóbil, desgracioso, desprezível, pesado, indecente, deformado, disforme, desfigurado (para não falar das formas como o horror pode se manifestar em territórios designados tradicionalmente para o belo, como o legendário, o fantástico, o mágico, o sublime) (Eco, 2007, p. 16).

Dessa forma, enquanto o “belo” remete a algo bom, a palavra “feiuura” representa seu oposto. No livro “História da Beleza no Brasil”, Sant’Anna (2014) traz a questão dos “feios de doer”, relatando que, até o século passado, era comum a figura do feio repassado na imprensa através de propagandas que tinham um caráter ofensivo e útil, enquanto hoje passou a não ser utilizada essa palavra com tanta frequência, destacando que:

Escrevia-se sobre semblantes medonhos, corpos horríveis, mirrados, raquíticos, famélicos ou então balofos e excessivamente “pançudos”. Era comum dar aos feios apelidos inspirados em detalhes do corpo, utilizando um vocabulário que soa brutal ao leitor de hoje. As feias costumavam ser chamadas de narigudas, “pesudas”, “bixiguentas”, branquelas, encardidas, “zaroias”, incluindo brancas e negras de diferentes idades. Quando havia falta de elegância, a feiuura tornava-se maior. As aparências se queriam bem apumadas e dotadas de uma desenvoltura diferente do que hoje se entende por relaxamento ou descontração (Sant’Anna, 2014, p. 31).

As percepções sobre beleza, ao longo do tempo, mostraram-se dinâmicas, e influenciadas pelos diferentes contextos culturais e estéticos, demonstrando uma complexidade do conceito (Sena *et al.*, 2019). Ademais, embora seja uma noção relativa, também está ligada à construção da imagem corporal, em que as pessoas buscam alcançar um ideal de beleza ou perfeição similar a divindades (Sena *et al.*, 2019).

Assim, a concepção de perfeição da mulher já assumiu diversas formas. Em determinadas épocas, corpos mais “encorpados” representavam o belo, a saúde e melhor nível socioeconômico (Melo, 2020). No entanto, esse ideal de beleza é fluído na medida em que evolui com as décadas; então, o que é considerado belo hoje, daqui a dez anos pode não ser. Desse modo, há uma larga extensão, renovação e adaptação do que já foi considerado padrão estético em diferentes contextos históricos.

A imagem da mulher é algo que foi construído socialmente e historicamente (Beauvoir, 2009). Desse modo, o gênero atravessa vidas cotidianas, como se fosse algo

performato, influenciado pelo processo de socialização, que marcam indivíduos para adotarem determinadas posturas, classificando as diferenças entre feminino e masculino, indo desde o modo de vestir, agir, se portar, falar etc. Além disso, ainda existe uma persistência cultural de certas ideias, opressões e naturalização do imaginário coletivo sobre estereótipos e estigmas vinculados à imagem feminina (Wolf, 1992). O assunto torna-se ainda mais complicado quando se pensa no recorte étnico-racial, colocando em destaque as mulheres negras e como se relacionam com as normas e padrões hegemônicos de beleza em sociedades ocidentais.

Alguns conceitos podem ser úteis para apoiar tais reflexões, como o de “interseccionalidade”. Embora o conceito de interseccionalidade tenha sido criado e estabelecido formalmente por Kimberlé Crenshaw em 1989, essa discussão, por exemplo, sobre raça e gênero, também já vinha sendo trazida pelo feminismo negro americano, bem como o feminismo brasileiro por Lélia Gonzales nas décadas de 1970/80. Este termo trouxe aspectos importantes sobre as experiências de mulheres negras. De acordo com Shields (2008, p. 303) “a base teórica para a interseccionalidade cresceu a partir do estudo da produção e reprodução de desigualdades, dominação e opressão.”, onde a evolução da interseccionalidade tem sido atribuída às respostas das feministas negras diante das limitações percebidas no modelo de desvantagem acumulada (Mullings, 1997; Glenn, 1999). Sendo assim, houve uma transformação no modo de pensar gênero e raça, como categorias individuais que se sobrepõem uma às outras, a partir de uma abordagem interseccional, impactando nas experiências das mulheres negras como a discriminação racial e de gênero (Crenshaw, 2002). A partir disso, pode-se compreender que as categorias de gênero e raça, como diversos outros marcadores sociais da diferença, podem se cruzar e afetar cada pessoa, moldando suas experiências de mundo. Assim, mulheres negras enfrentam diversos desafios na sua vida cotidiana diferentes de mulheres brancas ou homens negros, que serão diferentes ainda se pertencerem a outras categorias sociais com as de classe, identidade de gênero, geração, etc.

Portanto, ao tratar sobre o assunto que envolve beleza, é importante considerar que a “beleza negra” (Nascimento, 2020), por muito tempo não tinha os mesmos olhares quando comparados à beleza branca, sendo sempre inferiorizada. Por isso, trazer este referencial da interseccionalidade é importante porque tanto o gênero quanto a raça e classe quando cruzados moldam as percepções e experiências de vida, incluindo aquelas relacionadas aos padrões de beleza. Assim, a construção social da imagem feminina é influenciada profundamente por essa intersecção que molda a percepção de beleza, visto que as normas

estéticas, muitas vezes, perpetuam ideais altamente inalcançáveis e discriminatórios. As mulheres negras, particularmente, acabam sendo estereotipadas e afetadas por um padrão hegemônico de beleza representado historicamente nas mídias pela mulher branca e de traços europeus.

1.2 REDES SOCIAIS E PADRÕES NORMATIVOS SOBRE BELEZA

1.2.1 As Redes Sociais

As redes sociais são ambientes virtuais nos quais usuários podem compartilhar suas vidas, seja através de fotos, vídeos e pensamentos, além de conectar-se com outras pessoas. Contudo, essas ferramentas tecnológicas (Campos; Faria; Sartori, 2019) possibilitam cada vez mais edições de fotos com filtros (Brunelli; Amaral; Silva, 2019; Long, 2019; Bastian, 2020) que alteram suas imagens, podendo realçar características faciais como olho, boca, afinar bochechas ou reduzir tamanho do nariz, além de possibilitar outras que o indivíduo não possui, como sardas e um rosto sem imperfeições, por exemplo.

De acordo com o relatório da “We Are Social” (2021), em relação aos anos anteriores a 2021, não só o número de pessoas que utilizam internet aumentou, mas também o quantitativo dos usuários de redes sociais, principalmente através de *smartphones*. No mundo inteiro, as mulheres representariam 49,3% do total de usuários dessas redes. Ademais, também informa que as plataformas mais utilizadas nesse mesmo ano, considerando os aplicativos para mídias sociais, são *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* e *TikTok* (We Are Social, 2021). Com base nisso, a tendência de uso das redes sociais é aumentar cada vez mais com o passar dos anos, como pode ser visto no relatório anual global da “We Are Social” para o ano de 2022 e 2023. Ao analisar esses dois últimos anos, as plataformas *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, *WeChat* e *TikTok* são as preferidas entre o público feminino.

Em relação ao *Instagram*, pode-se dizer que ele é o principal veiculador de imagens reprodutoras de padrões de beleza por conta de suas ferramentas focalizadas em imagens e vídeos, além do combo de elementos de manipulação de imagem como os filtros, e também *likes*. Só no ano de 2021, o *Instagram* alcançou 1,2 bilhões de usuários, com 50,8% de mulheres usuárias, estando presente em várias faixas etárias, sobretudo em mulheres com idade entre 18 a 34 anos (We Are Social, 2021).

Na esfera das mídias sociais, observamos uma diversidade de formatos, abrangendo desde textos, imagens, vídeos e comentários, em várias plataformas de rede. Notavelmente, as

redes sociais desempenham um papel preponderante, com criadores e influenciadores de conteúdo digital tendo uma considerável visibilidade nesse cenário. A beleza passou a ser cabível de distorção a partir dos filtros e da exposição ao extremo (Laughter *et al.*, 2023), com forte apelo midiático, inclusive, mercadológico, que divulga os padrões a serem seguidos (Kaur; Arumugam; Yunus, 2013; Silva, 2022).

1.2.2 Normas Sociais, Padrões de Beleza e Saúde Mental

A sociedade em diversas épocas foi e continua sendo ditada por normas sociais que podem ser explícitas ou implícitas. Tendo em vista a temática deste trabalho, elas não apenas retratam sobre quais tipos de comportamentos são considerados aceitáveis, como também quais são os tipos ideais de beleza. Para as mulheres negras, tal pressão pode acabar sendo mais acentuada, visto que ao estarem conectadas nas redes, há uma exposição constante de imagens de beleza idealizadas que muitas vezes não refletem, de fato, sua autenticidade e identidade. Embora isso seja algo desafiador, apesar de toda essa pressão exacerbada, existe uma onda crescente de conteúdos que desconstroem estereótipos direcionados à população feminina negra com diversas vozes que discutem e desafiam as normas de beleza tradicionais, ajudando a promover um empoderamento, a partir do compartilhamento de experiências pessoais que encorajam a aceitação.

As plataformas de mídias sociais se transformaram em ambientes onde normas sociais e padrões de beleza são propagados, já que “é através das redes sociais que o padrão de beleza se posiciona como representação social, como forma de ser aceito frente aos outros, como veículo de expressão” (Bastian, 2020, p. 25). Mulheres em geral, incluindo negras, frequentemente podem estar mais propícias a um ciclo de comparação social, onde a busca por aceitação decorre da idealização de uma imagem corporal que não corresponde à realidade. Pois, muitas pessoas querem atingir esse ideal que não é real, e quando não conseguem, correm o risco de desenvolverem ou exacerbarem problemas de saúde mental (Campos; Faria; Sartori, 2019). Frustração, insegurança, crises de autoestima, entre outros sentimentos podem ser gerados ou exacerbados e, conseqüentemente, contribuírem para aumento ou desenvolvimento de transtornos mentais comuns, como ansiedade, depressão e distúrbios alimentares (Bastian, 2020; Ferreira; Sá, 2022).

Dessa forma, há alguns efeitos colaterais no uso dessas redes, principalmente o *Instagram*, pois atuam de modo persuasivo, modificando inconscientemente o comportamento das mulheres, agindo na subjetividade feminina. Afinal, “o culto à imagem perfeita leva os

indivíduos a terem uma distorção da própria vida e de si mesmos” (Silva *et al.*, 2019, p. 6). Assim, é evidente que a aparência ainda leva as mulheres a terem uma preocupação, muitas vezes, excessiva (Gonçalves *et al.*, 2020), principalmente quando se comparam com imagens incomensuráveis de beleza, causando diversas sensações de estranhamento e insatisfação com seus corpos. Ademais, cabe destacar o período pandêmico da Covid-19 e seus impactos na saúde mental dos indivíduos, incluindo piora na imagem corporal e no comportamento alimentar, além de aumento de ansiedade, depressão e distúrbios alimentares, inclusive maiores do que em outros períodos não pandêmicos (Behrend; Webb; Warschburger, 2023).

Desse modo, uma junção de fatores pode contribuir para que ocorra uma medicalização do corpo proveniente do desejo de se encaixar nesse padrão de beleza ocidental. Pois, uma exposição frequente a esses padrões de beleza causa um impacto na autoestima (Bastian, 2020; Silva, 2022) e as redes sociais mostram tantos “benefícios” para as que são consideradas bonitas, que levam as pessoas a adotarem algumas medidas para alcançar tal ideal (Xavier, 2006). Isso pode ser evidenciado pelas postagens de influenciadoras que promovem procedimentos e produtos. Por exemplo, influenciadoras que exibem resultados esteticamente atraentes após procedimentos, e atribuem esses benefícios a produtos específicos. Esse cenário contribui para a disseminação da busca por um ideal de beleza influenciado pelas representações nas redes sociais e por pressões mercadológicas.

As mídias digitais não atuam sozinhas, contam com uma poderosa indústria que utiliza recursos publicitários, vídeos, fotos, publicações de influenciadores digitais - como já mencionado - que são pagas para promoverem produtos, como cosméticos, cremes para emagrecimento, cinta modeladora ou procedimentos estéticos que também incluem cirurgias plásticas. Isso é reforçado por Melo e Santos (2020), apontando que:

Os padrões estão ligados ao tamanho do corpo, baixo ou alto, magro ou obeso. A estética exerce pressão referente ao fator idade, na qual se observa a dificuldade na aceitação de linhas de expressão e marcas decorrentes da vida da mulher, o que é um resultado da imposição da juventude eterna, na qual a indústria de cosméticos é altamente impulsionada no apoio ao padrão, para assim terem um meio propício para comercializar seus produtos que prometem rejuvenescimento na pele (Melo; Santos, 2020, p. 4).

1.3 BELEZA, RACISMO E SAÚDE

O racismo é uma construção social enraizada em eventos históricos que deixaram cicatrizes profundas na estrutura das sociedades. Sendo assim, funciona como uma estrutura

vertical e horizontal de poder (Telles, 2003) que privilegia uma raça em detrimento de todas as outras, além de ser um “importante fator de produção de iniquidades em saúde a que estão expostas as populações africanas e afrodescendentes” (Brasil, 2011). Ao longo do tempo, o racismo não permaneceu estático, em vez disso, foi adaptado às mudanças sociais e políticas. Desde o racismo científico do século XIX (Costa, 2018) até o racismo estrutural contemporâneo (Williams; Priest, 2015), as manifestações variadas dessa ideologia (Brasil, 2011) têm evoluído, mas sua presença persistente continua a moldar as percepções e interações sociais.

A escravidão, sem dúvidas, foi um dos capítulos mais sombrios da história com a exploração de pessoas com base em sua origem racial. As ideias racistas foram sendo justificadas para a escravização de africanos e africanas, consolidando assim a crença na inferioridade da raça negra. O fim da escravidão não necessariamente marcou o fim do racismo, muito pelo contrário, diversas ideias discriminatórias foram incorporadas às estruturas sociais e perpetuadas por meio de diversas instituições. Desde sistemas legais até representações culturais, o racismo encontrou novas formas de se manifestar, deixando essas pessoas em posições desvantajosas.

O racismo é um fator determinante (Williams; Priest, 2015) que permeia diversas esferas da vida das mulheres negras, influenciando significativamente suas experiências, perspectivas e, inclusive, a concepção de beleza. A opressão derivada do racismo, em um sistema complexo, historicamente, marginalizou e inferiorizou a estética e a identidade negra. As redes sociais oferecem um palco para a disseminação de imagens e ideais de beleza, facilitando a propagação de estereótipos, mas também a de padrões normativos de beleza (Bastian, 2020). No caso das mulheres negras, a pressão por se enquadrar em padrões estéticos eurocêntricos é ainda maior. Pois, as plataformas digitais muitas vezes reproduzem e perpetuam ideais inatingíveis, prejudicando a autoimagem e autoestima (Silva, 2021). Além disso, o racismo aparece, nesses ambientes virtuais, visto que também tem uma disseminação rápida de imagens, memes e comentários ofensivos que acabam criando um ambiente virtual tóxico, onde mulheres negras podem ser alvo de preconceitos e críticas baseadas em sua aparência, impactando negativamente na sua saúde mental.

No livro “Selvagens, exóticos, demoníacos: ideias e imagens sobre uma gente de cor preta”, Gislene Aparecida dos Santos (2002), aborda a questão do imaginário europeu sobre os negros, trazendo uma sensação de diferentes sentimentos, tanto de medo quanto fascínio. A partir disso, retrata como a figura da África vinculada à cor preta gerava um incômodo, um tipo de inquietação na sociedade ocidental, sobretudo no continente europeu.

Assim, Gislene Aparecida Santos (2002), para demonstrar esse aspecto, enfatiza que

Luz e sombra: opostos. Se o branco representa a razão, o belo, o bom, o justo... a humanidade, ou seja, simboliza os valores desejáveis, o negro, por sua vez, pode representar a desrazão, a loucura (a bÍlis negra que obscurece), o feio, o injusto, a animalidade. Ou, de uma forma mais radical, o negro pode simbolizar o estranho. Esse veio conduz a pensar a oposição branco/negro como a tradução mais acabada de sentimentos profundos gerados pela capacidade e pela incapacidade de simbolizar (Santos, 2002, p. 280).

Tendo em vista isso, é notável o quanto esse lugar que supostamente seria do negro, tido como inferior e servil, esteve e, em muitos casos, ainda se mantém no imaginário social, no qual suas figuras são vinculadas ao estranho, demonÍaco, perverso, além de assustador; qualificadores relacionados, por exemplo, a atos discriminatÓrios contra religiões e cultos de matriz africana.

A ligação entre racismo e padrões de beleza é algo complexo que remonta a sÉculos de influências eurocêntricas e marginalização das mulheres negras, onde a construção social da estética foi moldada por ideias discriminatÓrias, sendo, historicamente, excluídas. As características associadas à ascendência europÉia foram elevadas como ideais de beleza, enquanto características voltadas ao pÚblico negro representavam o oposto (Santos, 2018). Além disso, a falta de representação positiva nas mídias e na cultura popular contribuiu para a perpetuação de estereÓtipos.

Nessa perspectiva, vale salientar as contribuições de Oliva (2005), mostrando que,

[...] as imagens dos africanos estavam sempre associadas à feiúra. A esfera do belo se limita à estética e feições europÉias, brancas. Se nos sÉculos XVI e XVII era comum encontrar imagens dos africanos que se confundiam com a dos europeus, tendo na tonalidade da cor negra da pele a principal diferença, no final do XVIII e nos sÉculos seguintes, a perspectiva seria a de marcar e potencializar as diferenças. Os africanos seriam o inverso da beleza dos europeus (Oliva, 2005, p. 109).

A exposição constante a padrões de beleza inatingÍveis não é apenas uma pressão estética. Para mulheres negras, essa experiência pode ter implicações profundas na saúde mental. A constante exposição a padrões de beleza hegemônicos nas mídias sociais e na cultura popular pode criar um ciclo de comparação social. Mulheres negras, muitas vezes sub-representadas e estigmatizadas, podem sentir uma pressão grande para se conformar a esses padrões, internalizando-os. A busca incessante por uma imagem que se alinhe a tais padrões pode desencadear sentimentos negativos; afinal, o constante confronto com estereÓtipos pode

levar não apenas a um impacto emocional, mas também à internalização dessas ideias que, por sua vez, afeta negativamente a autoestima. Estudos indicam que mulheres negras podem enfrentar um aumento do risco de problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e distúrbios alimentares, devido à constante exposição a padrões de beleza eurocêntricos (Bastian, 2020; Ferreira; Sá, 2022).

Desse modo, o racismo é considerado um determinante da saúde (Barbosa, 2012; Williams; Priest, 2015; Werneck, 2016), visto que o racismo estrutural, institucional e cultural pode afetar a saúde de várias formas, seja pelo estigma, estereótipos, preconceito ou discriminação racial, ocorrendo uma manutenção de desigualdades raciais que produz desigualdades em saúde (Williams; Priest, 2015; Werneck, 2016). A pressão estética resultante do racismo cria um ciclo vicioso, onde a busca por aceitação e validação social pode se tornar uma tarefa impossível.

Nesse contexto, as mulheres negras enfrentam um desafio único em relação a sua imagem corporal, pois podem se encontrar presas entre a conformidade com os ideais corporais eurocêntricos e negros, recebendo uma dupla mensagem (Dunn; Hood; Owens, 2019). Esse conflito interno pode acabar desencadeando ou agravando alguns problemas de saúde mental, uma vez que a internalização do racismo pode resultar em diversas consequências, como a diminuição da autoestima e o mal-estar psicológico. Além disso, esses efeitos negativos podem se estender à saúde mental, impactando a identidade, a autocompetência e os comportamentos relacionados à saúde (Kwate; Meyer, 2011; Williams; Priest, 2015).

Portanto, as representações raciais na cultura popular não só moldam a percepção social, mas também têm implicações diretas nos determinantes sociais em saúde porque desempenham um papel crucial tanto na saúde quanto no bem-estar das pessoas. Pois, ao impactar o pensamento, os sentimentos e o comportamento, essas representações contribuem para disparidades sociais que, por sua vez, influenciam a saúde das pessoas expostas a elas (Williams; Priest, 2015).

Logo, estudar sobre essa temática é de grande relevância visto que existe uma estrutura que nos determina e nos constrange todo tempo, e as redes sociais contribuem para a manutenção de padrões que podem ter impactos negativos na saúde mental de mulheres negras. Além disso, o tema na literatura é majoritariamente voltado às mulheres brancas. Sendo assim, a pergunta de pesquisa desta monografia tem como intuito explorar, a partir de uma revisão narrativa, de que modo os padrões normativos de beleza influenciam a saúde mental de mulheres negras que utilizam redes sociais.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a relação entre os padrões normativos de beleza veiculados nas redes sociais e a saúde mental de mulheres negras.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Mapear a literatura disponível sobre o papel das redes sociais na construção da autoimagem e da percepção de beleza de mulheres negras;
- Investigar, a partir da literatura, as formas como os padrões normativos de beleza veiculados pelas redes sociais afetam a saúde mental de mulheres negras.

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE ESTUDO

Realizou-se uma revisão narrativa, por possibilitar sintetizar a literatura disponível sobre o tema; não de modo sistemático e sem avaliação da qualidade metodológica dos estudos (Baethge *et al.*, 2019). A revisão da literatura narrativa apresenta uma temática mais aberta, não exigindo um protocolo rígido para sua elaboração, ainda que devam estar presentes as questões de pesquisa que guiaram a revisão, a descrição clara das estratégias de busca, bem como uma análise crítica da literatura acessada (Cordeiro, 2007; Carvalho, 2019).

Dessa forma, o presente estudo utilizou uma abordagem de revisão narrativa, sendo estruturada a partir da busca de materiais na literatura sobre o tema padrões de beleza, imagem corporal nas redes sociais e saúde mental de mulheres negras.

3.2 ESTRATÉGIAS DE BUSCA

A busca bibliográfica foi realizada no período de julho a novembro de 2023, mas cobriu materiais bibliográficos publicados no período de janeiro de 2018 a novembro de 2023.

A estratégia de busca foi realizada em quatro bases de dados (*ScienceDirect*, *Scopus*, *Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde - BVS* - e *PsycINFO*), e restrita à seleção de artigos e dissertações. Foram utilizados dezesseis descritores e quatro palavras-chave (Tabela 1), formando 12 estratégias para busca de materiais nas bases internacionais e nacionais como representado nas tabelas 2, 3, 4 e 5.

Tabela 1 - Descritores e palavras-chave utilizadas

	DESCRITORES	PALAVRAS-CHAVE
TOTAL	16	4

TERMOS	- <i>Body image</i>	
	- <i>Body dissatisfaction</i>	
	- <i>Self-concept</i>	
	- <i>Social media / digital social networking</i>	
	- <i>Mental health</i>	- <i>Beauty dictatorship</i>
	- <i>Psychological distress / anxiety or anxiety disorders or depressive symptoms</i>	- <i>Beauty pattern</i>
	- <i>Physical appearance, body</i>	- <i>Black women</i>
	- <i>Social norms</i>	- <i>Self-esteem</i>
	- <i>Beauty or beauty culture</i>	
	- <i>Blacks or african american</i>	

Fonte: Elaboração própria.

Cada base de dados possui uma estrutura e funcionalidades próprias. Sendo assim, com o intuito de realizar buscas mais eficazes, adaptou-se a busca a cada base de dados para aproveitar recursos específicos de cada uma, aumentando a chance de encontrar informações relevantes e apropriadas durante a pesquisa.

3.2.1 Estratégia de busca na base PsycINFO (APA)

Nessa base de dados, a estratégia de busca foi desenvolvida levando em consideração o “Thesaurus”, sendo uma seção que lista termos específicos do campo da Psicologia. A sintaxe usada na *PsycINFO* incluiu os termos relevantes que foram extraídos do “Thesaurus”, combinados com dois operadores booleanos (AND e OR), além do uso de parênteses e aspas para refinar a busca e aumentar a precisão dos resultados (Tabela 2).

Tabela 2 - Sintaxe elaborada para *PsycINFO* (APA)

Nº	BASE	SINTAXE	RESULTADOS
1	<i>PsycINFO</i> (APA)	("body image" OR "self concept") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("mental health") AND (beauty OR "beauty culture" OR "beauty pattern") AND ("black women" OR "african american")	0
2	<i>PsycINFO</i> (APA)	("body dissatisfaction") AND ("social norms") AND (beauty OR "beauty culture" OR "beauty pattern" OR "beauty dictatorship" AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("psychological distress" OR anxiety OR "anxiety disorders" OR "depressive symptoms") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
3	<i>PsycINFO</i> (APA)	("physical appearance" OR "body image" OR "self concept" OR "self-esteem") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("black women" OR blacks OR "african american") AND ("mental health")	0
4	<i>PsycINFO</i> (APA)	("body dissatisfaction") AND (anxiety OR "anxiety disorders" OR "depression") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	1
5	<i>PsycINFO</i> (APA)	("body dissatisfaction") AND ("mental health") AND ("social media") AND ("social norms") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
6	<i>PsycINFO</i> (APA)	("body dissatisfaction") AND ("mental health") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	1
7	<i>PsycINFO</i> (APA)	("body dissatisfaction" OR "physical appearance" OR "body image") AND ("mental health" OR anxiety OR "anxiety disorders" OR "depression") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	5

8	<i>PsycINFO (APA)</i>	("body image") AND ("social norms") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american") AND ("mental health")	0
9	<i>PsycINFO (APA)</i>	("body image") AND ("mental health") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	4
10	<i>PsycINFO (APA)</i>	("mental health") AND ("social media") AND ("dictatorship of beauty") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
11	<i>PsycINFO (APA)</i>	("social media") AND ("mental health") AND (beauty) AND ("black women" OR blacks OR "african american")	2
12	<i>PsycINFO (APA)</i>	("body dissatisfaction" OR "body image" OR "self concept" OR "beauty pattern" OR "dictatorship of beauty") AND ("mental health" OR "psychological distress" OR anxiety OR "anxiety disorders" OR "depressive symptoms") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	9

Fonte: Elaboração própria.

3.2.2 Estratégia de busca na base ScienceDirect

Essa base de dados apresentou um desafio em comparação às demais, pois houve limitação de operadores booleanos. A plataforma permite apenas o uso de até oito conectores em uma única busca, exigindo assim uma abordagem mais cuidadosa na adaptação da sintaxe para a garantia dos resultados relevantes. Sendo assim, foi necessário a sua simplificação, eliminando alguns termos para a possibilidade de buscar os materiais pertinentes para esta monografia, respeitando o limite de oito conectores permitidos. A sintaxe usada na *ScienceDirect* também incluiu dois operadores booleanos (AND e OR) e o uso de parênteses e aspas (Tabela 3).

Tabela 3 - Sintaxe elaborada para *ScienceDirect*

Nº	BASE	SINTAXE	RESULTADOS
1	<i>ScienceDirect</i>	("body image" OR "self concept") AND ("social media") AND ("mental health") AND (beauty OR "beauty culture" OR "beauty pattern") AND ("black women" OR "african american")	58
2	<i>ScienceDirect</i>	("body dissatisfaction") AND ("social norms") AND (beauty) AND ("social media") AND ("psychological distress" OR anxiety OR "depressive symptoms") AND ("black women" OR blacks)	14
3	<i>ScienceDirect</i>	("physical appearance, body" OR "body image" OR "self concept") AND (beauty) AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american") AND ("mental health")	103
4	<i>ScienceDirect</i>	("body dissatisfaction") AND ("psychological distress") AND ("social media") AND (beauty OR "beauty pattern") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	26
5	<i>ScienceDirect</i>	("body dissatisfaction") AND ("mental health") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("social norms") AND (beauty) AND ("black women" OR blacks OR "african american")	13
6	<i>ScienceDirect</i>	("body dissatisfaction") AND ("psychological distress") AND ("self concept" OR "self-esteem") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	42
7	<i>ScienceDirect</i>	("body dissatisfaction" OR "physical appearance, body") AND ("psychological distress" OR "mental health" OR anxiety OR "anxiety disorders" OR "depressive symptoms") AND ("social media") AND ("black women")	31

8	<i>ScienceDirect</i>	("body image") AND (beauty OR "beauty culture") AND ("social norms") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american") AND ("mental health")	16
9	<i>ScienceDirect</i>	("body image") AND (beauty OR "beauty culture") AND ("mental health") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	102
10	<i>ScienceDirect</i>	("mental health") AND ("self concept" OR "self-esteem") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("dictatorship of beauty") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
11	<i>ScienceDirect</i>	("social media") AND ("mental health") AND ("beauty pattern" OR "dictatorship of beauty" OR beauty OR "beauty culture") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	205
12	<i>ScienceDirect</i>	("body dissatisfaction" OR "body image" OR "self concept" OR "beauty pattern") AND ("mental health") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	401

Fonte: Elaboração própria.

3.2.3 Estratégia de busca na base Portal Regional da BVS

No Portal Regional da BVS, a estratégia de busca foi elaborada considerando a seção “DeCS/MeSH”. A sintaxe utilizada nesta base de dados incorporou todos os descritores relevantes que estavam disponíveis no portal, combinando, assim como nas demais estratégias, dois operadores booleanos (AND e OR) e o uso de aspas e parênteses para a obtenção de resultados mais específicos e relacionados com o tema da pesquisa, representado na Tabela 4. Cabe mencionar que a busca nesta base, mesmo com descritores em inglês, contempla artigos em outros idiomas.

Tabela 4 - Sintaxe elaborada para BVS

Nº	BASE	SINTAXE	RESULTADOS
1	BVS	("body image" OR "self concept") AND ("social media") AND ("mental health") AND (beauty OR "beauty culture" OR "beauty pattern") AND ("black women" OR "african american")	0
2	BVS	("body dissatisfaction") AND ("social norms") AND (beauty OR "beauty culture" OR "beauty pattern" OR "beauty dictatorship" AND ("social media) AND ("psychological distress" OR anxiety OR "anxiety disorders" OR "depressive symptoms") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
3	BVS	("physical appearance, body" OR "body image" OR "self concept" OR "self-esteem") AND (beauty OR "beauty pattern" OR "beauty culture") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american") AND ("mental health")	0
4	BVS	("body dissatisfaction") AND ("psychological distress" OR anxiety OR "anxiety disorders" OR "depressive symptoms") AND ("social media") AND (beauty OR "beauty culture" OR "beauty pattern") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
5	BVS	("body dissatisfaction") AND ("mental health") AND ("social media") AND ("social norms") AND (beauty OR "beauty culture" OR "beauty pattern") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
6	BVS	("body dissatisfaction") AND ("psychological distress" OR "mental health") AND ("self concept" OR "self esteem") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0

7	BVS	("body dissatisfaction" OR "physical appearance, body" OR "body image") AND ("psychological distress" OR "mental health" OR anxiety OR "anxiety disorders" OR "depressive symptoms") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	2
8	BVS	("body image") AND (beauty OR "beauty culture") AND ("social norms") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american") AND (mental health)	0
9	BVS	("body image") AND (beauty OR "beauty culture") AND ("mental health") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
10	BVS	("mental health") AND ("self concept" OR "self esteem") AND ("social media") AND ("dictatorship of beauty") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
11	BVS	("social media") AND ("mental health") AND ("beauty pattern" OR "dictatorship of beauty" OR beauty OR "beauty culture") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
12	BVS	("body dissatisfaction" OR "body image" OR "self concept" OR "beauty pattern" OR "dictatorship of beauty") AND ("mental health" OR "psychological distress" OR anxiety OR "anxiety disorders" OR "depressive symptoms") AND ("social media") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0

Fonte: Elaboração própria.

3.2.4 Estratégia de busca na base Scopus

Na *Scopus*, a abordagem de estratégia de busca foi mais ampla, devido à falta de seções específicas como o “Thesaurus” na PsycINFO ou “DeCS/MeSH” no Portal Regional da BVS.

Sendo assim, decidiu-se manter todos os descritores e palavras-chave com dois operadores booleanos para a combinação dos termos. A escolha de manter essa estratégia de busca mais ampla foi intencional e embora a estratégia não tenha sido limitada por seções específicas da base de dados, o uso dos conectores AND e OR ajudou a focalizar nas áreas de interesse, assim como também o uso de parênteses e aspas (Tabela 5).

Tabela 5 - Sintaxe elaborada para a Scopus

Nº	BASE	SINTAXE	RESULTADOS
1	<i>Scopus</i>	("body image" OR "self concept") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("mental health") AND (beauty OR "beauty culture" OR "beauty pattern") AND ("black women" OR "african american")	0
2	<i>Scopus</i>	("body dissatisfaction") AND ("social norms") AND (beauty OR "beauty culture" OR "beauty pattern" OR "beauty dictatorship") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("psychological distress" OR anxiety OR "anxiety disorders" OR "depressive symptoms") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
3	<i>Scopus</i>	("physical appearance, body" OR "body image" OR "self concept" OR "self-esteem") AND (beauty OR "beauty pattern" OR "beauty culture") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("black women" OR blacks OR "african american") AND ("mental health")	0
4	<i>Scopus</i>	("body dissatisfaction") AND ("psychological distress" OR anxiety OR "anxiety disorders" OR "depressive symptoms") AND ("social media") AND (beauty OR "beauty culture" OR "beauty pattern") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
5	<i>Scopus</i>	("body dissatisfaction") AND ("mental health") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("social norms") AND (beauty OR	0

		"beauty culture" OR "beauty pattern") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	
6	<i>Scopus</i>	("body dissatisfaction") AND ("psychological distress" OR "mental health") AND ("self concept" OR "self-esteem") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
7	<i>Scopus</i>	("body dissatisfaction" OR "physical appearance, body" OR "body image") AND ("psychological distress" OR "mental health" OR anxiety OR "anxiety disorders" OR "depressive symptoms") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	6
8	<i>Scopus</i>	("body image") AND (beauty OR "beauty culture") AND ("social norms") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("black women" OR blacks OR "african american") AND ("mental health")	0
9	<i>Scopus</i>	("body image") AND (beauty OR "beauty culture") AND ("mental health") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
10	<i>Scopus</i>	("mental health") AND ("self concept" OR "self-esteem") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("dictatorship of beauty") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0
11	<i>Scopus</i>	("social media" OR "digital social networking") AND ("mental health") AND ("beauty pattern" OR "dictatorship of beauty" OR beauty OR "beauty culture") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	0

12	<i>Scopus</i>	("body dissatisfaction" OR "body image" OR "self concept" OR "beauty pattern" OR "dictatorship of beauty") AND ("mental health" OR "psychological distress" OR anxiety OR "anxiety disorders" OR "depressive symptoms") AND ("social media" OR "digital social networking") AND ("black women" OR blacks OR "african american")	8
----	---------------	---	---

Fonte: Elaboração própria.

3.3 FILTROS PARA BUSCA

Para todas as bases de dados, foram utilizados três filtros para padronizar a busca: ano de publicação (2018-2023), idioma (inglês) e tipo de documento (artigo e dissertação).

No *Portal Regional da BVS*, a pesquisa foi limitada ao ano e ao período de publicação porque não apareceu o campo tipo de documento. Nas bases de dados *ScienceDirect*, *PsycINFO* (APA) e *Scopus* foram utilizados os três filtros: ano de publicação, idioma e tipo de documento. Na *ScienceDirect*, entre as opções disponíveis, somente artigos originais e de revisão foram considerados visto que não tinha a opção de dissertação. Enquanto na *PsycINFO* tanto artigos quanto dissertações foram incluídos na busca. Em relação à base *Scopus*, no campo “tipo de documento”, foram considerados apenas artigos, já que dissertações não.

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE ESTUDOS

Foram considerados como critérios de inclusão apenas estudos que abordassem a discussão da temática relacionada à população feminina negra que fizesse uso de redes sociais, com uma ênfase específica na abordagem da saúde mental. A definição de saúde mental, neste sentido, abrange elementos como bem-estar psicológico e emocional, considerando aspectos como ansiedade, depressão, autoestima, imagem corporal, satisfação corporal, insatisfação corporal e outros fatores dentro do contexto da saúde mental. Foram excluídos os estudos sobre padrões de beleza não relacionados à saúde mental.

3.5 MATERIAIS PARA REFERÊNCIAS GERAIS

Além dos estudos que foram selecionados para a análise dos resultados com base nos critérios pré-estabelecidos anteriormente, é importante dizer que outros materiais também foram considerados a fim de enriquecer o conteúdo, para abordar conceitos relacionados a padrões de beleza, saúde mental e imagem corporal de mulheres negras nas redes sociais. Foram considerados artigos, livros e monografias em inglês e português.

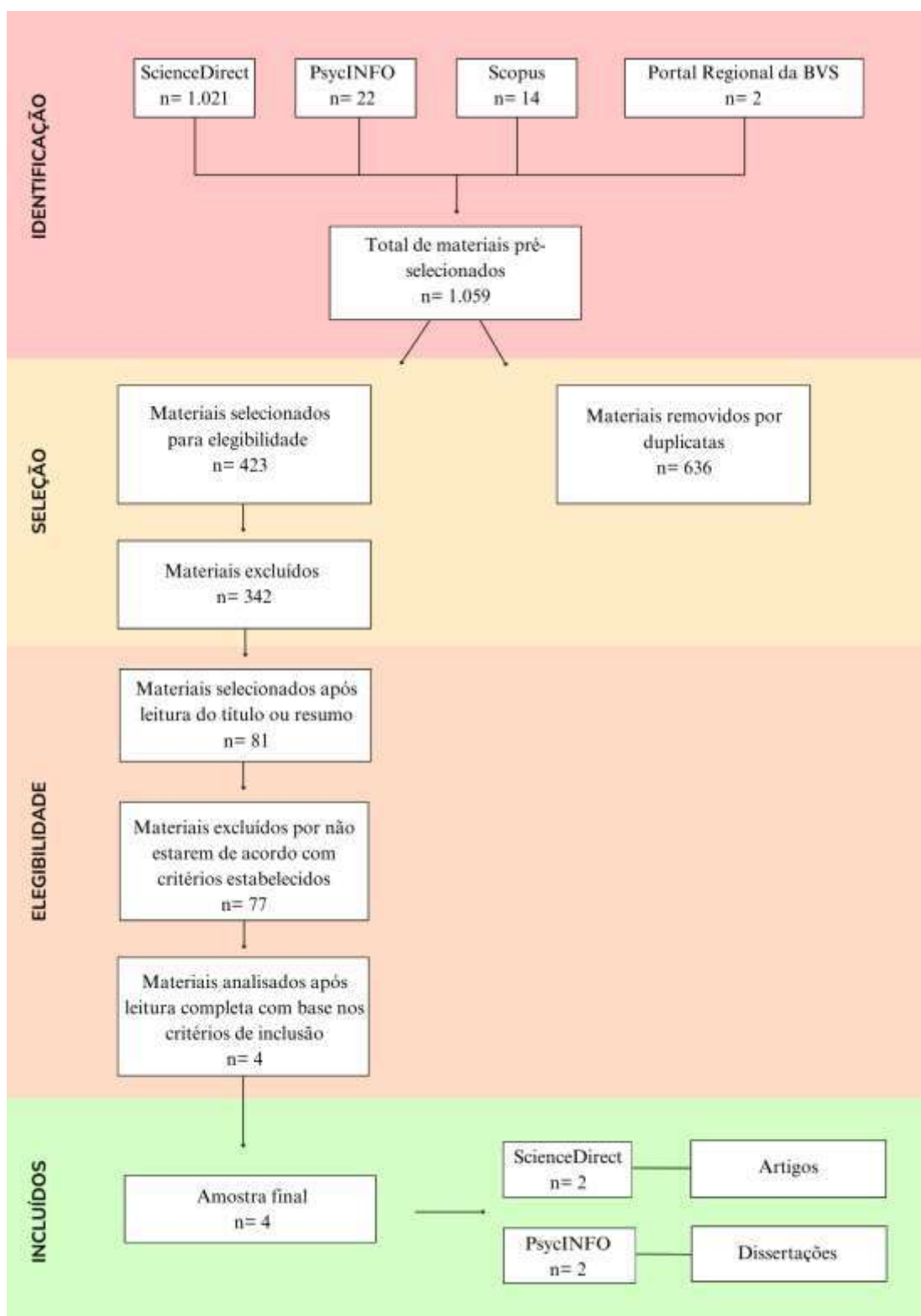
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No intuito de apresentar informações a respeito das buscas bibliográficas para a revisão narrativa de forma organizada, foi seguido um modelo proposto pelo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA)*. Embora o PRISMA seja convencionalmente associado a outros tipos de revisões, vale ressaltar que a sua aplicação nessa monografia teve como objetivo a elaboração de um fluxograma para melhor visualização dos passos a passos que levaram a escolha dos estudos para análise dos resultados.

O fluxograma (Figura 1), baseado no modelo PRISMA, destaca quatro fases essenciais: identificação, seleção, elegibilidade e incluídos (Moher, 2009). As buscas nas fontes selecionadas resultaram um total de 1.059 materiais entre as bases de dados. Aqueles que se adequaram aos critérios foram selecionados, e embora inicialmente fossem apenas quatro materiais, devido à falta de acesso liberado a uma dissertação, foi possível analisar integralmente apenas os três primeiros estudos. Dessa forma, a amostra final consiste em apenas dois artigos na *ScienceDirect* e uma dissertação na *PsycINFO*. Na totalidade, foram excluídos 1.055 materiais, sendo 636 duplicatas. Após leitura do título e resumo, 342 foram eliminados porque não tinham nenhuma relação com o tema, enquanto 77 não se adequaram aos critérios de inclusão

O acesso às bases de dados *PsycINFO*, *ScienceDirect* e *Scopus* foi através do Portal de Periódicos da CAPES. Cada estudo foi minuciosamente analisado sendo classificado de acordo com o tipo de estudo (abordagem quantitativa), ano de publicação (2021 e 2023), país onde foi realizado (Estados Unidos da América) e tipo de material (Artigo e Dissertação).

Figura 1 - Fluxograma de busca com base no PRISMA



Fonte: Elaboração própria.

Diante dos materiais selecionados para análise crítica, após leitura detalhada, tiveram na sua totalidade dois artigos e uma dissertação, correspondentes ao período de 2021 e 2023 (Quadro 1). A seguir, são apresentados os resultados mais significativos e as discussões.

Quadro 1 - Distribuição dos materiais estudados segundo o título, material, autor e ano de publicação

Estudo	Título	Material	Autor (ano)	País	Tipo de estudo
1	#NoFilter: Examining the Relationship Among Online Photo Manipulation and Mental Health Variables of African American Women	Dissertação	Amanda Long (2021)	Estados Unidos da América (EUA)	Quantitativo
2	Birds of a feather flocking together on Instagram: How racially similar followers and followings on Instagram are linked to young women's body image	Artigo	Heather Gahler <i>et al.</i> , (2023)	Estados Unidos da América (EUA)	Quantitativo
3	Priming, performing, and policing: Social media use and self-sexualization among U.S. White, Black, and Asian-American adolescent girls	Artigo	Monique Ward L. <i>et al.</i> , (2023)	Estados Unidos da América (EUA)	Quantitativo
4	The Role of Instagram Utilization in Body Image Satisfaction and Physical Activity Participation among Female African American College Students	Dissertação	Bryan K. Hooper Jr (2018)	Estados Unidos da América (EUA)	Quantitativo

Fonte: Elaboração própria.

O primeiro estudo (Long, 2019) foi uma dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Houston que analisou a relação entre o investimento fotográfico¹ e a manipulação de fotos nas redes sociais, explorando os impactos dessas práticas na saúde

¹**Investimento fotográfico** representa uma atenção especial à qualidade da foto, isto é, a preocupação sobre como determinada foto vai retratar a pessoa, além de refletir o esforço que o indivíduo fez, selecionando suas próprias fotos antes de postar (McLean *et al.*, 2015).

mental de mulheres negras. Foram recrutadas 333 mulheres negras que utilizavam *Instagram* ou *Facebook* com idade entre 18 e 34 anos, aplicando-se uma entrevista estruturada a partir de pesquisa online.

Os principais resultados indicaram que as mulheres negras que ficavam mais preocupadas com sua aparência, evitando tirar e postar fotos nas redes sociais, apresentaram ansiedade de aparência². As participantes que investiram mais tempo e esforço, incluindo a manipulação de fotos, apresentaram maior insatisfação corporal e comparação de aparência³ com outras pessoas online. Além disso, mulheres negras mais insatisfeitas com sua pele tenderam a manipular fotos com uma maior frequência. Todas as mulheres negras que postaram suas fotos nas redes sociais, seja ocasionalmente ou regularmente, possuíam níveis parecidos de insatisfação corporal, comparação de aparência online e satisfação com a cor da pele. Desse modo, a autora salienta que ao alterar fotos na tentativa de torná-las parecidas com padrões de beleza, elas podem se sentir mais ansiosas, principalmente quando pensam se suas fotos estão de acordo com esses padrões. Portanto, um intenso investimento fotográfico e manipulação da imagem contribuiriam para um ciclo contínuo de insatisfação corporal.

Outros estudos reforçam essa questão, como a pesquisa sobre manipulação fotográfica como preditora de insatisfação facial e atitudes em procedimentos cosméticos (Beos; Kemps; Prichard, 2021), em que manipular fotos se associou à insatisfação facial, levando ao pensamento de adotar esses procedimentos. Além disso, outras pesquisas destacam que essa manipulação gera falsas expectativas de beleza, potencialmente levando a considerar a realização de cirurgias plásticas para ficarem mais próximas desses ideais perpetuados nas redes (Shome *et al.*, 2019; Beos; Kemps; Prichard, 2021; Sun, 2021).

As redes sociais, como *Instagram*, *Facebook* e *TikTok*, juntamente com as ferramentas de edição de fotos, tornaram-se poderosos artifícios na construção das percepções atuais sobre a beleza, desencadeando discussões importantes sobre as normas culturais e identidade. De acordo com Sherman *et al.* (2019), a principal faixa etária que utiliza as redes sociais desde seu surgimento são adolescentes e jovens, mas essas plataformas alcançaram públicos mais amplos com o tempo (Chochol; Gandhi; Croarkin, 2023). Essas mídias sociais têm alcance global, são dinâmicas e disseminam normas sobre beleza, contribuindo para a internalização desses ideais. Bue (2020) complementa que a utilização das redes sociais proporciona comparações sociais devido à idealização da imagem perfeita na mídia.

²**Ansiedade de aparência** é o medo da sua aparência ser avaliada por outras pessoas (Hart *et al.*, 2008).

³**Comparação de aparência** pode ser caracterizada como o ato de relacionar os atributos físicos pessoais aos atributos físicos de outras pessoas, ocasionando uma comparação (Long, 2019).

Como mencionado anteriormente, os padrões de beleza evoluem ao longo do tempo, são passíveis de modificação e variam entre culturas e países. A compreensão sobre a beleza pode ser influenciada por aspectos psicológicos, biológicos, sociais e culturais (Laughter *et al.*, 2023). As normas sociais sobre beleza e padrões estéticos, muitas vezes vinculadas a um padrão eurocêntrico, podem marginalizar e excluir mulheres cuja características não estejam alinhadas a esses ideais.

Uma pesquisa focalizada nas mulheres negras mostrou que a marginalização histórica e a desvalorização de corpos negros pela cultura americana, juntamente com a estética dos grupos raciais e étnicos não brancos, tem raízes na supremacia branca e no racismo, podendo impactar significativamente a juventude negra (Banks, 2000; Ladd *et al.*, 2022; Watson; Lewis; Moody, 2019). Mulheres negras, em especial, têm sofrido, historicamente, pressões relacionadas às expectativas referentes ao peso do corpo, ao cabelo, ao tom de pele e outras características que constituem sua identidade. De acordo com Shields (2008, p. 301), a identidade “está relacionada à consciência de si mesmo, à autoimagem, à autorreflexão e à auto-estima”. Pessoas com características mais afastadas do padrão eurocêntrico podem estar mais suscetíveis ao racismo, ter mais desvantagens, contribuindo também para implicações na imagem corporal (Gruber; Kalkbrenner; Hitter, 2022).

Nesse contexto, mesmo que a magreza seja valorizada como um dos principais pontos dos padrões americanos de beleza, é crucial reconhecer que o peso é apenas um dos componentes da imagem corporal (Gautier, 2021). Nos EUA, dada a sua influência histórica de escravidão, racismo e colorismo, acadêmicos têm incessantemente reivindicado a inclusão de medidas de beleza que transcendam o tipo e a forma do corpo ao abordar a imagem corporal na comunidade negra. Aspectos como a cor da pele, cabelo e características faciais têm sido destacados como elementos igualmente significativos (Awad *et al.*, 2014; Capodilupo; Kim, 2014; Jefferson; Stake, 2009).

De acordo com Craddock *et al.* (2023), o colorismo é a junção de preconceito com discriminação centrada na tonalidade da pele, onde pessoas mais escuras seriam mais prejudicadas e as experiências provenientes disso poderiam influenciar negativamente a imagem corporal que tem de si mesmas. Nesse sentido, o colorismo está vigente nos padrões de aparência na sociedade, sendo perpetuado nas comunidades (Jha, 2015). No contexto das mulheres negras, é necessário investigar o impacto do colorismo na sua imagem corporal. Alguns estudos conduzidos com homens afro-americanos, por exemplo, revelaram que, em termos de atratividade, a pele mais clara foi considerado mais atraente, em comparação com a pele mais escura (Hill, 2002; Maxwell; Brevard; Belgrave; Abrams, 2015). Além disso, outros

estudos também sugeriram que pele clara e cabelos longos (características eurocêntricas) são consideradas bonitas ou desejadas pelas mulheres negras e afro-americanas e isso é importante para o entendimento das preocupações com a imagem corporal (Awad *et al.*, 2014; Bellinger, 2007; Capodilupo; Kim, 2014; Robinson-Moore, 2008; Thomas *et al.*, 2011; Wilder, 2010).

Além do colorismo, reforçando as práticas racistas, o racismo também é uma vertente importante, como já mencionado, visto que é um determinante da saúde (Barbosa, 2012; Williams; Priest, 2015) e se manifesta de diversas formas. Pessoas negras, assim como outras minorias, continuam estereotipadas negativamente em diversos contextos, mas dentre eles, quem mais sofre comumente experiências negativas é a comunidade negra (Williams; Priest, 2015). Na cultura popular, por exemplo, são diversas imagens e ideias que desvalorizam, marginalizam e subordinam populações não-brancas (Dirks; Mueller, 2007). A raça e etnia são fatores culturais que podem ter influência na aculturação, internalização do ideal corporal (Warren; Akoury, 2020). Tendo isso em vista, ao considerar o racismo como um determinante de processos de saúde e adoecimento, quando internalizado, as experiências concretas, por exemplo, de discriminação racial têm ligação direta com problemas de saúde mental - ansiedade e depressão - (Wedderburn, 2007). Desse modo, a exposição aos padrões inatingíveis de beleza nessas plataformas altamente visuais pode impactar de forma negativa a vida de mulheres negras, fazendo com que elas se sintam não apenas invisíveis como desvalorizadas e inadequadas (Wedderburn, 2007).

Os achados do estudo 1 tiveram como referencial a Teoria da Objetificação (Fredrickson; Roberts, 1997). Esta-teoria, em síntese, explica como mulheres internalizam a sexualização do corpo feminino em uma cultura que valoriza a aparência física levando à vigilância corporal, isto é, a um monitoramento da sua própria imagem, além da objetificação. Isso as levam encontrar falhas em si mesmas, aumentando a vergonha e ansiedade. Ainda de acordo com essa teoria, as experiências trazem riscos para a saúde mental (depressão, distúrbios alimentares e disfunção erétil). Nesse contexto, é válido ressaltar que as mulheres são valorizadas com base nas suas características corporais, não sendo consideradas suas qualidades como a personalidade e inteligência, e isso leva a uma auto-objetificação que aumenta potencialmente os riscos à saúde (Alleva *et al.*, 2023).

O segundo estudo (Gahler *et al.*, 2023) é um artigo científico que investigou a homofilia racial⁴ nas contas seguidas e seguidores do *Instagram*, examinando as preferências

⁴ **Homofilia racial** tem sido definido como a tendência das pessoas interagirem ou seguirem pessoas que pertencem a sua própria raça/etnia. Nesse contexto virtual das redes sociais, é quando os usuários seguem ou são

corporais nas mídias sociais. Nesse sentido, a homofilia racial foi analisada em relação aos padrões de beleza, apreciação corporal e insatisfação corporal, explorando como a composição racial das redes sociais pode acabar influenciando na forma que as pessoas enxergam seus corpos e ideais de beleza. Foram recrutadas 533 mulheres (brancas, negras, latinas e asiático-americanas) com 18 anos ou mais. Para a participação no estudo, também era necessário possuir cidadania americana ou, ao menos, ter passado 50% morando no país (EUA), além de ter uma conta no *Instagram* obrigatoriamente.

A homofilia racial nas contas seguidas⁵ do *Instagram* foi associada positivamente com apreciação corporal entre as participantes, indicando também que um maior número de seguidores⁶ do mesmo grupo racial pode contribuir para uma resposta mais positiva e proteção contra os ideais de beleza corporal que são rigorosos e irreais, aumentando a autoestima e valorização do corpo. Além disso, houve diferenças nos padrões ideais de corpo entre grupos raciais, com as participantes negras expressando preferências mais curvilíneas e volumosas em comparação com outros grupos étnicos - brancas, latinas, asiáticas -, resultando em maior apreciação corporal. No entanto, apesar da relação positiva entre homofilia racial e apreciação corporal, a preferência por um corpo mais curvilíneo, não necessariamente representa algo bom para a imagem corporal. Pois, Gahler *et al.* (2023), salienta que ter seguidores racialmente semelhantes foi associado à preferência por esse tipo de corpo (curvilíneo), mas essa preferência foi associada com insatisfação corporal entre as participantes negras.

Tais resultados vêm ao encontro com pesquisas anteriores que sugerem que o uso de redes sociais altamente visuais como *TikTok* (Mink; Szymanski, 2022), *Facebook* (Fardouly; Vartanian, 2015), *Instagram* e *Snapchat* (Jarman *et al.*, 2021) pode representar riscos para a imagem corporal positiva de mulheres, levando a uma insatisfação corporal. Embora o estudo de Gahler *et al.* (2023) destaque as preferências de mulheres negras para corpos mais “tonificados”, é importante ressaltar que outras pesquisas indicam diferentes perspectivas sobre o tipo de corpo desejável centrado no ideal ocidental dominante (Aniulis; Sharp; Thomas, 2021). Nos EUA, por exemplo, em relação ao ideal de beleza, no geral, há uma desvalorização das características africanas como pele escura, cabelo crespo, nariz largo e

seguidos por pessoas que compartilham a mesma raça ou etnia, o que influencia na percepção e exposição dessas pessoas a diferentes perspectivas (Gahler *et al.*, 2023).

⁵ **Contas seguidas**, no contexto do Instagram, é quando você segue alguém opcionalmente, pois se interessou no conteúdo que o outro posta, se expondo propositalmente ao conteúdo. Além disso, também pode interagir dando um feedback tanto na foto quanto no vídeo compartilhado, e isso reforça o sentimento de pertencimento e identidade de grupo (Gahler *et al.*, 2023; Lim; Datta, 2012; Chua; Chang, 2006).

⁶ **Seguidores** é quando você é seguido por outros usuários que não necessariamente são conhecidos seus. De modo geral, é o público do usuário (Martha *et al.*, 2013.)

valorização dos traços eurocêntricos como atraentes (Ladd *et al.*, 2022; Banks, 2002) que inclui olhos redondos, nariz pequeno e alto, maçãs do rosto e corpo magro (Laughter *et al.*, 2023), além de peitos grandes. Porém, muitas mulheres negras não possuem semelhança alguma com esse ideal de beleza eurocêntrico, sendo excluídas, assim como outros grupos raciais que apresentam pele mais escura (Anderson-Fye, 2004; Rubin; Fitts; Becker, 2003; Gruber; Kalkbrenner; Hitter, 2022). Isso pode levá-las a vivenciar experiências que minam sua autoestima, podendo ter um impacto negativo em sua apreciação corporal (Dunn; Hood; Owens, 2019). Pois, não estão imunes ao padrão de beleza eurocêntrico mesmo que outras pesquisas sugerem que existe uma proteção contra preocupações generalizadas da imagem corporal em mulheres negras (Capodilupo; Kim, 2014).

Nesse sentido, considerando as experiências de mulheres negras nesse quesito, como destacado por Cole (2009), existe uma crescente preocupação entre os psicólogos em relação à influência de diversos fatores como raça, etnia, gênero e classe social, e seu impacto na saúde e bem-estar. Mas, poucos trabalhos consideram esses aspectos, sendo que esses fatores estão interligados, atuam em conjunto e influenciam os resultados nesse contexto da imagem corporal em mulheres negras. Desse modo, esses fatores não devem ser abordados de forma isolada, mas considerando sua inter-relação para um melhor entendimento das questões relacionadas à imagem corporal das mulheres negras, reconhecendo a interação simultânea desses elementos na formação das experiências dessas mulheres, ou seja, a partir de um olhar interseccional. Gonçalves *et al.* (2020) afirmam que a insatisfação corporal atua de forma mais intensa em mulheres negras, principalmente com a expansão das mídias sociais e a manutenção do ideal de beleza voltado para a perfeição dos corpos, o que acaba contribuindo para essa insatisfação.

Estudos realizados por Awad *et al.* (2014) e Capodilupo e Kim (2014), ao empregar o conceito de interseccionalidade, identificaram que mulheres negras apresentam preocupações específicas relacionadas à imagem corporal. Essas preocupações estão relacionadas a atributos como tom de pele e tipo de cabelo, sendo influenciadas pelas definições de beleza que emanam de normas centradas em grupos negros e brancos. Nesta perspectiva, esses fatores, como já mencionados - raça, gênero e classe social-, quando interligados, levam a uma experiência diversificada e devem ser levados em consideração na preocupação com imagem corporal, bem como no desenvolvimento de intervenções para lidar com a insatisfação corporal. É destacado, também, a necessidade de prestar atenção nas características físicas - cor da pele e textura do cabelo -, como parte integrante da imagem corporal, em vez de se concentrar exclusivamente no peso para melhorar e avaliar essa percepção do corpo (Gautier, 2021).

O segundo estudo, de Gahler *et al.* (2023), teve como referencial a Teoria da Identidade Social (Tajfel; Turner, 1979) que explora como as pessoas categorizam elas mesmas e também outras pessoas em grupos sociais, e como isso influencia na percepção, atitudes e comportamentos intergrupais. Sendo assim, eles alegam que tal teoria é fundamental para entender o funcionamento dos grupos sociais, bem como a formação da identidade individual e do grupo. Essa teoria, à luz da pesquisa sobre homofilia racial, traz alguns aspectos importantes como comparação social e identidade social. Nesse sentido, a homofilia nas redes sociais, pode ser interpretada quando pessoas buscam proximidade com outros que compartilham características raciais similares, talvez para criar uma identidade social mais positiva e reforçar a autoestima. Contudo, Gahler *et al.* (2023, p. 14) salienta que “embora a ligação ao grupo de identidade social possa resultar em resultados positivos, também pode haver uma pressão para que estes grupos se alinhem com os ideais corporais daqueles que seguem ou dos seus seguidores”. Ademais, embora a autoestima do grupo possa ter um papel protetor, não impede de resistirem a todas as influências de pressões sociais e padrões de beleza (Gahler *et al.*, 2023), inclusive das redes sociais.

O terceiro estudo, de Ward *et al.* (2023), investigou as relações entre o uso de mídia social, engajamento, autosexualização e saúde mental em meninas adolescentes estadunidenses que pertenciam a diferentes grupos raciais (negras, brancas e asiático-americanas das Ilhas do Pacífico/AAPI) buscando compreender como a exposição a conteúdo sexualizado nessas plataformas pode influenciar a autosexualização das meninas e afetar seu bem-estar. Similarmente com o primeiro, este também se baseou no mesmo referencial teórico (Teoria da Objetificação), especialmente no que tange às adolescentes negras (e AAPI). Os autores utilizaram essa teoria para explicar como a exposição ao conteúdo sexualizado nas mídias sociais pode resultar em autosexualização, alterar a imagem corporal e o bem-estar das adolescentes.

Os resultados mostraram que o uso de mídia social foi associado ao aumento da autosexualização, levando a uma diminuição do bem-estar em todos os grupos, incluindo meninas negras. Tendo isso em vista, o uso frequente de mídias sociais associado à autosexualização, sugeriu um aumento na valorização do apelo sexual⁷, bem como uma maior vigilância corporal. Também foi identificado que existe uma relação indireta entre o uso de

⁷ **Apelo sexual** é quando a pessoa é percebida como atraente sexualmente. Sendo assim, esse termo é usado para “descrever situações em que pessoas e empresas buscam influenciar o comportamento dos outros por meio de insinuações ou incitamentos ao desejo sexual” (Fidelis, 2015, p. 17), despertando um interesse das pessoas. Em outras palavras, é o poder de atração de cada pessoa, incluindo a sensualidade e outras características físicas ou não físicas (Fidelis, 2015; Silva, 2019).

redes sociais com a vergonha corporal entre meninas negras (e AAPI), estabelecido tanto por conta da vigilância corporal quanto do prazer da sexualização. Além disso, essa relação com o uso das redes sociais também se estende aos sintomas de saúde mental como depressão, ansiedade, hostilidade, autoestima e vergonha corporal. Expectativas de *apelo sexual* podem ser particularmente impactantes para as adolescentes negras (e asiáticas), envolvendo enfrentamento de estereótipos raciais sexualizados e microagressões raciais de gênero⁸ (Ward *et al.* (2023).

A busca pela beleza idealizada é algo complexo que se entrelaça com pressões socioculturais. Essas pressões podem contribuir significativamente na internalização do ideal de magreza, como destacado por Frederick *et al.* (2022), resultando em uma vigilância corporal intensificada. Contudo, em um mundo cada vez mais digital e tecnológico, a exposição a imagens sexualizadas em ambientes virtuais é alta, onde as mulheres recebem e interagem com essas imagens constantemente, seja através do *feed* ou *reels*. Nesse sentido, a exposição pode resultar numa auto-objetificação das mulheres (Ward *et al.*, 2023), contribuindo para uma percepção distorcida da própria identidade. Essa dinâmica pode ampliar ainda mais os impactos negativos na saúde mental, adicionando a pressão de corresponder a padrões estéticos não apenas de magreza, mas também de sensualidade. A auto-sexualização, sugerida pelos autores, envolve certo prazer na sexualização, na medida que pode haver satisfação em receber atenção e validação ao aderir aos padrões desejáveis de beleza, quando a pessoa se expõe através de fotos ou vídeos nas redes sociais. Por outro lado, caso essa validação seja reduzida, não recebendo tantos elogios, pode-se levar a uma maior comparação com os padrões inatingíveis de beleza, favorecendo o surgimento de sentimentos de inadequação e vergonha corporal.

A sociedade contemporânea, por meio de diversos canais, estabelece normas rígidas em relação à aparência física, associando frequentemente a beleza à magreza. A influência persistente da mídia, publicidade e padrões culturais cria um padrão estético específico, alimentando a internalização desses ideais. A internalização do ideal de magreza resulta em uma vigilância corporal constante, como indicado por Frederick *et al.* (2022). As pessoas monitoram atentamente sua própria aparência física e como seus corpos são avaliados pelos

⁸ **Microagressões raciais de gênero** são comentários maldosos e insensíveis feitos com base em estereótipos raciais e de gênero sobre corpos, atratividade e também sexualidade (Ward *et al.*, 2023). Por exemplo, quando uma mulher negra é discriminada pela largura do seu nariz (Ward *et al.*, 2023), ou sobre outras características, sendo alvo de piadas, insultos sexualizados, entre outros (Gadson; Lewis, 2021).

outros. Esse constante monitoramento do corpo pode resultar na insatisfação corporal, como mostrado na pesquisa de Ward *et al.* (2023).

Desse modo, a análise da influência das pressões socioculturais na internalização de ideais estéticos, combinada com a exposição a imagens sexualizadas em ambientes virtuais, destaca a necessidade urgente de uma abordagem em relação à imagem corporal. Isso implica não apenas na mudança dos padrões estéticos, mas também na criação de ambientes digitais que promovam a diversidade e uma relação positiva com o corpo. Ademais, muitas pesquisas abordam as estratégias de enfrentamento que promovam a positividade corporal, destacando a possibilidade de mudança de uma imagem corporal negativa para positiva (Alleva *et al.*, 2023). Assim, nos últimos anos, houve uma crescente conscientização sobre os impactos negativos dos padrões de beleza nas redes sociais, resultando em movimentos de positividade corporal com a utilização de *hashtags* que ajudam na aceitação de todos os tipos de corpos, desafiando os estereótipos de beleza idealizada, tornando possível uma apreciação corporal.

Os três estudos abordam beleza, redes sociais e saúde mental, tendo como base teorias como a Teoria da Objetificação (estudo 1 e 3) e a Teoria da Identidade Social (estudo 2). Além disso, cada estudo se concentra em diferentes ciclos de vida, como adolescentes, jovens adultas e/ou adultas. Todos eles, em termos de saúde mental, trabalham com a dimensão da imagem corporal. O primeiro estudo (Long, 2021) abordou a manipulação e investimento fotográfico, retratando as formas que fatores como ansiedade e comparação com aparência podem impactar diretamente a percepção de imagem corporal em mulheres negras e levar a uma insatisfação corporal. O segundo (Gahler *et al.*, 2023), que retrata a homofilia racial nas redes sociais, teve como aspecto principal de saúde mental a apreciação e insatisfação corporal, sendo duas dimensões importantes da imagem corporal. Por fim, o terceiro (Ward *et al.*, 2023) abordou a saúde mental em relação à autosexualização e bem-estar, vigilância e vergonha corporal, além dos sintomas mencionados como depressão, hostilidade, ansiedade e autoestima em meninas adolescentes.

De modo geral, todos os estudos analisados revelam uma complexa interação entre redes sociais, normas culturais, beleza e saúde mental. Mas, nenhum deles abordou especificamente o racismo como elemento estruturante das relações, estereótipos, expectativas e efeitos na saúde mental das mulheres, tampouco tangenciam o conceito de interseccionalidade para discutir seus achados. A falta de uma análise que incorpore o racismo e a interseccionalidade nesses estudos deixa uma informação importante de fora. Pois não estão olhando de perto como o racismo pode afetar as pessoas, especialmente quando combinado com outros fatores como gênero e classe social. A interseccionalidade é uma forma

de entender essas complexidades, reconhecendo que as identidades das pessoas são feitas de diferentes partes, como raça, gênero e classe. Quando isso não é tão abordado, os estudos podem estar perdendo detalhes importantes sobre como as pessoas de grupos racializados enfrentam desafios específicos para a saúde mental. O racismo não age sozinho; ele se mistura com outros elementos, como padrões culturais e ideias de beleza, afetando a forma como as pessoas se sentem sobre si mesmas. É preciso olhar para tudo isso em conjunto, a fim de entender completamente como esses fatores afetam a saúde mental das mulheres negras de formas diferentes.

Nesse sentido, por exemplo, ao considerar a intersecção de gênero e raça, poderíamos explorar como as mulheres negras, em diferentes contextos culturais, enfrentam pressões únicas relacionadas à percepção da imagem corporal. Em determinados ambientes, padrões estéticos influenciam a forma como essas mulheres se enxergam, principalmente quando são moldados pelo racismo. Além disso, também seria possível ver como a intersecção entre raça e classe social contribui para as dinâmicas observadas, pois assim como raça e gênero, as disparidades econômicas também podem impactar o acesso a bens materiais e simbólicos associados aos padrões de beleza e, conseqüentemente, na autoestima das mulheres negras e pobres. Mulheres negras em situações socioeconômicas mais desfavorecidas podem enfrentar barreiras ao acesso a determinados recursos, como produtos de cuidados com a pele, cosméticos - maquiagens, cremes clareadores, produtos para alisar cabelos, etc - e até mesmo procedimentos estéticos, que são amplamente promovidos nas redes sociais, prometendo atender e alcançar uma aparência desejável. Essas mulheres podem enfrentar pressões estéticas não apenas relacionadas aos ideais de beleza predominantes, mas também influenciadas por estereótipos racializados. A questão é que a representação da beleza negra nessas plataformas é limitada, podendo levá-las a sentir que precisam se conformar com padrões eurocêtricos para ser aceita, o que, conseqüentemente, pode intensificar o impacto na sua saúde física e mental.

4.1 LIMITAÇÕES

Embora seja essencial compreender as dinâmicas relacionadas aos padrões de beleza, normas e mídias sociais para analisar desafios contemporâneos relacionados à imagem corporal e saúde mental, há poucos materiais voltados exclusivamente a mulheres negras.

Dessa forma, a escassez de documentos na literatura que se dediquem exclusivamente às pressões estéticas que mulheres negras que utilizam redes sociais sofrem acaba limitando

uma análise mais aprofundada, afetando também a representatividade, visto que grande parte dos estudos são centrados em mulheres brancas.

O reduzido número de estudos relacionados à temática ressalta a necessidade e urgência de pesquisas que explorem a temática deste trabalho para uma melhor compreensão dos efeitos das pressões estéticas veiculadas nas redes sociais na saúde mental de mulheres negras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar, por meio de uma revisão narrativa, os padrões normativos de beleza nas redes sociais e sua influência na saúde mental de mulheres negras. É evidente que a interação entre cultura e pressões estéticas desempenham um papel significativo nas experiências individuais e moldam a subjetividade. A exposição contínua a padrões de beleza presentes nas plataformas altamente visuais pode ter um impacto negativo na autoestima dessas mulheres, levando a comparações e insatisfações com sua aparência.

As análises evidenciam que esses padrões normativos de beleza nas redes sociais têm implicações na saúde mental de mulheres negras. A manipulação de fotos com grandes investimentos na aparência, na busca por uma imagem ideal, bem como a exposição a padrões específicos de beleza, contribuem para os níveis de comparação e ansiedade com a aparência, além da insatisfação corporal, podendo afetar a autoestima e o bem-estar emocional. Por outro lado, a homofilia racial no *Instagram* mostra que a representatividade online pode gerar respostas positivas e uma proteção contra os padrões hegemônicos de beleza, podendo aumentar a apreciação corporal. O uso de mídias sociais, embora também esteja relacionado a riscos como a autosexualização, também mostra dinâmicas de fortalecimento do empoderamento. Apesar disso, para uma análise mais completa desses fenômenos é crucial incorporar um olhar voltado para o racismo e a interseccionalidade. Pois, ao considerar esses dois aspectos, podemos entender melhor como as mulheres negras enfrentam desafios únicos relacionados à sua identidade e como essa interação complexa entre gênero, raça e classe social fornece uma visão mais abrangente para o entendimento de questões relacionadas à saúde.

Contudo, também é importante dizer que embora todos os estudos incluídos sejam oriundos dos Estados Unidos da América, a identificação racial é muitas vezes complexa, principalmente para mulheres negras. De forma local, nos EUA, a comunidade negra é frequentemente referida como “Black” ou “Afro-americana”. No entanto, para mulheres negras de origens estrangeiras, a identificação pode variar. Elas podem ser simplesmente chamadas sendo associadas à sua nacionalidade ou região de origem. Por exemplo, uma mulher negra de origem latino-americana pode ser identificada como “latina”. Essa distinção destaca como as identidades raciais nos Estados Unidos são influenciadas por uma variedade de fatores, incluindo ancestralidade, cultura e experiências históricas. Sendo assim, a nacionalidade também pode entrar como uma outra categoria na interseccionalidade, quando pensado nessa perspectiva. Além disso, cabe ressaltar que para questões relacionadas ao racismo, nesta

monografia, foi pensado no contexto brasileiro, incluindo definições e entendimentos sobre o assunto.

Assim, espera-se que as reflexões dessa monografia sobre os efeitos dos padrões normativos de beleza na saúde mental de mulheres negras sirvam como ponto de partida para inspirar estudos que investiguem melhor a complexidade dessas dinâmicas. É essencial promover mudanças que reconheçam e aceitem a diversidade de corpos e beleza, incentivando a conscientização de que ser autêntico e verdadeiro consigo mesmo é mais importante do que apenas se conformar com padrões que, claramente, podem ser prejudiciais à saúde, devido às expectativas e pressões sociais.

A escolha dessa temática da perspectiva da Saúde Coletiva se reflete na compreensão de que os padrões normativos de beleza presentes nas redes sociais e sua influência na saúde mental de mulheres negras não é um fenômeno isolado e individual, mas permeia a sociedade como um todo. Assim, ao escolher esta temática, a partir do campo da Saúde Coletiva, convoca-se uma reflexão de como fatores socioculturais, econômicos e políticos que moldam a construção dos padrões de beleza impactam a saúde física e mental da população feminina negra, marcada por históricos processos de discriminação e opressão étnico-racial. Além disso, por ser um campo interdisciplinar, abrange não somente aspectos psicológicos, mas também sociológicos, antropológicos, epidemiológicos, políticas públicas, entre outros, e isso colabora para uma análise abrangente e contextualizada dos fenômenos que envolvem padrões de beleza, normas sociais e sua repercussão na saúde mental. Assim, a partir desta interdisciplinaridade, é possível refletir como questões estruturais como o racismo, as heranças do colonialismo, e suas marcas nas expressões culturais moldam padrões e normas sociais relacionadas à beleza, e como determinam e condicionam a saúde individual e coletiva de um povo. Sendo assim, a análise vai para além do indivíduo, e visa entender as dinâmicas sociais e suas implicações para a saúde, permitindo uma visão mais abrangente das questões relacionadas especificamente à saúde mental.

Logo, diante de tais considerações, e diante da incipiente produção científica sobre esta relevante temática, espera-se que este trabalho incentive futuras pesquisas que se aprofundem especificamente na relação entre mulheres negras, redes sociais, beleza e saúde mental, explorando suas experiências diante da pressão estética tão presente nas mídias sociais.

REFERÊNCIAS

- ALLEVA, M. J. *et al.* “I’ll never sacrifice my well-being again:” the journey from negative to positive body image among women who perceive their body to deviate from societal norms. **Body Image**, [s. l.], v. 45, p. 153-171, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2023.03.001>.
- ANDERSON-FYE, P. E. A “Coca-Cola” shape: cultural change, body image, and eating disorders in San Andres, Belize. **Culture Medicine and Psychiatry**, [s. l.], v. 28, p. 561-595, 2004. DOI: [10.1007/s11013-004-1068-4](https://doi.org/10.1007/s11013-004-1068-4).
- ANIULIS, E.; SHARP, G.; THOMAS, N. The ever-changing ideal: the body you want depends on who else you’re looking at. **Body Image**, [s. l.], v. 36, p. 218-229, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2020.12.003>.
- AWAD, G. H. *et al.* Beauty and body image concerns among African American college women. **Journal of Black Psychology**, [s. l.], v. 41, e. 8, p. 540-564, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/0095798414550864>.
- BAETHGE, C.; GOLDBECK-WOOD, S; MERTENS, S. SANRA— a scale for the quality assessment of narrative review articles. **Research Integrity and Peer Review**, [s. l.], v. 4, n. 5, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1186/s41073-019-0064-8>.
- BANKS, I. **Hair matters: beauty, power, and black women’s consciousness**. New York: NYU Press, 2000. DOI: <http://www.jstor.org/stable/j.ctt9qg9td>.
- BARBOSA, M. I. S. Saúde da população negra. **Desafios do Desenvolvimento**, Ipea, Brasília, n. 70, 2012. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2687:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 23 dez. 2023.
- BASTIAN, F. C. **O padrão de beleza e seus defeitos sobre a autoimagem, autoestima e imagem corporal**. 2020. 35 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/16630>. Acesso em: 07 ago. 2023.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. volume único. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEHREND, N.; WEBB, B. J.; WARSCHBURGER, P. Exploring the reciprocal associations between body appreciation, body image flexibility, and body acceptance by others in the context of the COVID-19 pandemic in Germany: Results from cross-lagged panel analyses among women and men. **Body Image**, [s. l.], v. 46, p. 139-151, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2023.05.008>.
- BELLINGER, W. Why African American women try to obtain good hair. **Sociological Viewpoints**, [s. l.], v. 23, p. 63-72, 2007. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/b7fddd82260825ca5930876775fb19d4/1?pq-origsite=gscholar&cbl=38860>. Acesso em: 21 dez. 2023.

- BEOS, N.; KEMPS, E.; PRICHARD, I. Photo manipulation as a predictor of facial dissatisfaction and cosmetic procedure attitudes. **Body Image**, [s. l.], v. 39, p. 194-201, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2021.08.008>.
- BRUNELLI, P. B.; AMARAL, S. C. S.; SILVA, P. A. I. F. Autoestima alimentada por “likes”: uma análise sobre a influência da indústria cultural na busca pela beleza e o protagonismo da imagem nas redes sociais. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 73, 2019. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO25/73supl/19.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- BUE, C. C. A. The looking glass selfie: Instagram use frequency predicts visual attention to high-anxiety body regions in young women. **Computers in Human Behavior**, [s. l.], v. 108, p. 106-329, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106329>.
- CAMPOS, R. G.; FARIA, C. M. H.; SARTORI, D. I. Cultura da estética: o impacto do Instagram na subjetividade feminina. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 310-334, ago./dez. 2019. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernos-psicologia/article/view/2495>. Acesso em: 26 ago. 2023.
- CAPODILUPO, C.; KIM, S. Gender and race matter: the importance of considering intersections in Black women’s body image. **Journal of Counseling Psychology**, [s. l.], v. 61, n. 1, p. 37-49, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0034597>.
- CARVALHO, Y. M. Do velho ao novo: a revisão da literatura como método de fazer ciência. **Revista Thema**, Pelotas, v. 16, n. 4, p. 913-928, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1328>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- CHOCOL, D. M.; GANDHI, K.; CROARKIN, E. P. Social media and anxiety in youth: a narrative review and clinical update. **Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America**, [s. l.], v. 32, e. 3, p. 613-630, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chc.2023.02.004>.
- CHUA, T. H. H.; CHANG, L. Follow me and like my beautiful selfies: Singapore teenage girls’ engagement in self-presentation and peer comparison on social media. **Computer in Human Behavior**, [s. l.], v. 55, p. 190-197, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.09.011>.
- COLE, E. R. Intersectionality and research in psychology. **American Psychologist**, v. 64, n. 3, p. 170-180, 2009. DOI: [10.1037/a0014564](https://doi.org/10.1037/a0014564).
- CORDEIRO, A. M. *et al.* Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>.
- COSTA, A. L. S. **Padrões de beleza e racismo na construção da identidade de mulheres negras**. 2018. 68 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/2327>. Acesso em: 03 out. 2023.

CRADDOCK, C. G. *et al.* Investigating the role of perceived ingroup and outgroup colourism on body image and wellbeing among Black, Asian, and other racialised/ethnic minority groups living in the UK. **Body Image**, [s. l.], v. 46, p. 246-255, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2023.06.010>.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 30 jul. 2023.

DIRKS, D.; MUELLER, J.C. Racism and popular culture. *In*: VERA, H.; FEAGIN, J. (ed.). **Handbook of the sociology of racial and ethnic relations**. New York: Springer, 2007. p. 115-129. DOI: https://doi.org/10.1007/978-0-387-70845-4_8.

DUNN, R. C.; HOOD, B. K.; OWENS D. B. Loving myself through thick and thin: Appearance contingent self-worth, gendered racial microaggressions and African American women's body appreciation. **Body Image**, [s. l.], v. 30, p. 121-126, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.06.003>.

ECO, U. **História da feiúra**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ECO, U. **História da beleza**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FARDOULY, J.; VARTANIAN, L. R. Negative comparisons about one's appearance mediate the relationship between Facebook usage and body image concerns. **Body Image**, [s. l.], v. 12, p. 82-88, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2014.10.004>.

FERREIRA, F. D.; SÁ, L. M. C. **O papel influenciador das mídias na construção sociais na construção da autoimagem da mulher e suas relações no desenvolvimento de distúrbios mentais e alimentares**. 2022. 36 f. Monografia (Graduação de Psicologia) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2022. Disponível em: <http://dspace.uniube.br:8080/jspui/handle/123456789/2075>. Acesso em: 02 out. 2023.

FIDELIS, B. T. **A lembrança da marca em propagandas com apelo sexual**: um estudo em anúncios de mídia impressa com a utilização do eye-tracking. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Organizações) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.96.2015.tde-23102015-111523>.

FREDERICK, A. D. *et al.* Pathways from sociocultural and objectification constructs to body satisfaction among women: The U.S Body Project I. **Body Image**, [s. l.], v. 41, p. 195-208, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.02.001>.

FREDRICKSON, B. L.; ROBERTS, T. A. Objectification theory: toward understanding women's lived experiences and mental health risks. **Psychology of Women Quarterly**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 173-206, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00108.x>.

GADSON, C. A.; LEWIS, J. A. Devalued, overdisciplined, and stereotyped: an exploration of gendered racial microaggressions among Black adolescent girls. **Journal of Counseling Psychology**, [s. l.], v. 69, n. 1, p. 14-26, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1037/cou0000571>.

GAHLER, H. *et al.* Birds of a feather flocking together on Instagram: how racially similar followers and followings on Instagram are linked to young women's body image. **Body Image**, [s. l.], v. 47, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2023.101626>.

GAUTIER, S. W. Black beauty: womanist consciousness as a protective factor in black women's body image satisfaction. **Journal of Black Psychology**, [s. l.], v. 47, n. 8, p. 631-656, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/00957984211034960>.

GLENN, N. E. The social construction and institutionalization of gender and race: an integrative framework. In: FEREE, M. M.; LORBER, J.; HESS, B. B. (ed.). **Revisioning gender**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1999. p. 3-43.

GONÇALVES, D. T. F. *et al.* Imagem corporal feminina e os efeitos sobre a saúde mental: uma revisão bibliográfica sobre a intersecção entre gênero, raça e classe. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, São Paulo, n. 39, p. 21-94, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e2194.2020>.

GRUBER, E.; KALKBRENNER, T. M.; HITTER, L. T. A complex conceptualization of beauty in Latinx women: A mixed methods study. **Body Image**, [s. l.], v. 41, p. 432-442, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.04.008>.

HART, T. A. *et al.* Development and examination of the social appearance anxiety scale. **Assessment**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 48-59, 2008. DOI: [10.1177/1073191107306673](https://doi.org/10.1177/1073191107306673).

HERNÁNDEZ, C. J. *et al.* Hourglass body shape ideal scale and disordered eating. **Body Image**, [s. l.], v. 38, p. 85-94, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2021.03.013>.

HILL, M. E. Skin color and the perception of attractiveness among African Americans: does gender make a difference? **Social Psychology Quarterly**, [s. l.], v. 65, n. 1, p. 77-91, 2002. DOI: <https://doi.org/10.2307/3090169>.

JARMAN, H. K. *et al.* Direct and indirect relationships between social media use and body satisfaction: a prospective study among adolescent boys and girls. **New Media & Society**, [s. l.], 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/14614448211058468>.

JEFFERSON, D. L.; STAKE, J. E. Appearance self-attitudes of African American and European American women: media comparisons and internalization of beauty ideals. **Psychology of Women Quarterly**, [s. l.], v. 33, n. 4, p. 396-409, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2009.01517.x>.

JHA, M. R. **The global beauty industry**: colorism, racism, and the national body. New York: Routledge, 2015.

KAUR, K.; ARUMUGAM, N.; YUNUS, N. M. Beauty product advertisements: a critical discourse analysis. **Asian Social Science**, Ontario, v. 9, n. 3, p. 61, 2013. Disponível em: <https://ccsenet.org/journal/index.php/ass/article/view/25275>. Acesso em: 07 nov. 2023.

KWATE, N. O. A.; MEYER, I. H. On sticks and stones and broken bones: stereotypes and African American Health. **Du Bois Review: Social Science Research on Race**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 191-198, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1742058X11000014>.

- LADD, A. B. *et al.* Black adolescents' appearance concerns, depressive symptoms, and self-objectification: Exploring the roles of gender and ethnic-racial identity commitment. **Body Image**, [s. l.], v. 43, p. 314-325, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.09.008>.
- LAUGHTER, B. J.; ANDERSON, B. C.; KROUMPOUZOS, G. Psychology of aesthetics: Beauty, social media, and body dysmorphic disorder. **Clinics in Dermatology**, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 28-32, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.clindermatol.2023.03.002>.
- LIM, K. H.; DATTA, A. Following the follower: detecting communities with common interests on Twitter. *In: ACM CONFERENCE ON HYPERTEXT AND SOCIAL MEDIA (HT'12)*, 23., 2012. **Proceedings** [...]. Wisconsin: [s. n.], 2012. p. 317-318. DOI: <https://doi.org/10.1145/2309996.2310052>.
- LONG, A. **#NoFilter**: examining the relationship among online photo manipulation and mental health variables of African American women. 2019. 123 f. Thesis (Doctor of Philosophy) – University of Houston, Houston, 2019. Disponível em: <https://uh-ir.tdl.org/items/ad3d5d33-55aa-46d8-9d9b-44ed351fe578/full>. Acesso em: 07 nov. 2023.
- MARTHA, V.; ZHAO, W.; XU, X. A study on twitter user-follower network: A network based analysis. *In: IEEE/ACM INTERNATIONAL CONFERENCE ON ADVANCES IN SOCIAL NETWORKS ANALYSIS AND MINING*, 2013. **Proceedings** [...]. Niagara, Ontario: [s. n.], 2013. p. 1405-1409. DOI: <https://doi.org/10.1145/2492517.2500298>.
- MAXWELL, M. *et al.* What's color got to do with it? Skin color, skin satisfaction, racial identity, and internalized racism among African American college students. **Journal of Black Psychology**, v. 41, n. 5, p. 438-461, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/0095798414542299>.
- MCLEAN, S. A. *et al.* Photo-shopping the selfie: self photo editing and photo investment are associated with body dissatisfaction in adolescent girls. **International Journal of Eating Disorders**, [s. l.], v. 48, p. 1132-1140, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1002/eat.22449>.
- MELO, M. S. L.; SANTOS, L. M. N. Padrões de beleza impostos às mulheres. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas Da Fait**, n. 1, p. 1-7, 2020. Disponível em: http://www.fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/KpDnYgJm2BARYNc_2020-7-23-20-34-39.pdf. Acesso em: 07 nov. 2023.
- MINK, B. D.; SZYMANSKI, M. D. TikTok use and body dissatisfaction: Examining direct, indirect, and moderated relations. **Body Image**, [s. l.], v. 43, p. 205-216, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.09.006>.
- MOHER, D. *et al.* Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. **PLoS Medicine**, San Francisco, v. 6, n. 7, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>.
- MULLINGS, L. **On our own terms**: race, class, and gender in the lives of African American women. New York: Routledge, 1997.

NASCIMENTO, S. S. M. J. **Padrões hegemônicos de beleza, sua disseminação através do Instagram e consequências para prática clínica: um recorte étnico-racial**. 2020. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. 67 f. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14713>. Acesso em: 02 out. 2023.

OLIVA, A. R. Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no imaginário Ocidental. **Em Tempo de Histórias**, Brasília, n. 09, 2011. DOI: <https://doi.org/10.26512/emtempos.v0i09.20107>.

ROBINSON-MOORE, C. Beauty standards reflect Eurocentric paradigms - so what? Skin color, identity, and black female beauty. **Journal of Race & Policy**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 66-85, 2008. Disponível em: <https://www.proquest.com/docview/212407324>. Acesso em: 19 dez. 2023.

RUBIN, L. R.; FITTS, M. L.; BECKER, A. E. “Whatever feels good in my soul”: Body ethics and aesthetics among African American and Latina women. **Culture, Medicine, & Psychiatry**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 49-75, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1023679821086>.

SANT'ANNA, B. D. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, G.A. Selvagens, exóticos, demoníacos: ideias e imagens sobre uma gente de cor preta. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 275-289, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200003>.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100003>.

BRASIL. Secretaria de Políticas de Ações Afirmativas. **Racismo como determinante social de saúde**. Brasília: Secretaria de Políticas de Ações Afirmativas, 2011. Disponível em: https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2020/11/DOC_0013-2.pdf. Acesso em: 20 dez. 2023.

SENA, C. M. R. *et al.* A construção social do corpo: como a perseguição do ideal do belo influenciou as concepções de saúde na sociedade brasileira contemporânea. **Mudanças**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 53-61, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-32692019000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 ago. 2023.

SHERMAN E. L. *et al.* Peer influence via Instagram: effects on brain and behavior in adolescence and young adulthood. **Child Development**, [s. l.], v. 89, n. 1, p. 37-47, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1111/cdev.12838>.

SHIELDS, S. A. Gender: An Intersectionality Perspective. **Sex Roles**, v. 59, p. 301-311, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11199-008-9501-8>.

SHOME, D. *et al.* Does taking selfies lead to increased desire to undergo cosmetic surgery. **Journal of Cosmetic Dermatology**, [s. l.], v. 19, n. 8, p. 2025-2032, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/jocd.13267>.

SILVA, A. V. *et al.* A influência do Instagram no cotidiano: possíveis impactos do aplicativo em seus usuários. *In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO; CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, 21., 2019, São Luís - MA. **Anais eletrônicos** [...]. São Luís: [s. n.], 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0490-1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.

SILVA, E. E. M. **Como os padrões de beleza afetam na autoestima da mulher segundo a influência da mídia**. 2022. 32 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2022. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28714>. Acesso em: 07 ago. 2023.

SILVA, J. N. B. **A influência das redes sociais na relação da mulher com seu corpo**. 2021. 151 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/32766>. Acesso em: 08 nov. 2023.

SILVA, M. P. A. Você tem apelo sexual? **Revista Saúde**, Portal Brasil, Cuiabá, 2019. Disponível em: <https://rsaude.com.br/videos/materia/voce-tem-apelo-sexual/18985>. Acesso em: 28 dez. 2023.

SUN, Q. Selfie editing and consideration of cosmetic surgery among young Chinese women: The role of self-objectification and facial dissatisfaction. **Sex Roles**, [s. l.], v. 84, p. 670-679, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11199-020-01191-5>.

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. An integrative theory of inter-group conflict. *In: AUSTIN, W. G.; WORCHEL, S. (ed.). The social psychology of inter-group relations*. Monterey, CA: Brooks/Cole. T, 1979. p. 33-47.

TELLES, E. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

THOMAS, A.; HACKER J.; HOXHA D. Gendered racial identity of black young women. **Sex Roles**, [s. l.], v. 64, p. 530-542, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11199-011-9939-y>.

WARD, M. L. *et al.* Primping, performing, and policing: Social media use and self-sexualization among U.S. White, Black, and Asian-American adolescent girls. **Body Image**, [s. l.], v. 46, p. 324-335, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2023.06.015>.

WARREN, C. S.; AKOURY, L. M. Emphasizing the “cultural” in sociocultural: a systematic review of research on thin-ideal internalization, acculturation, and eating pathology in US ethnic minorities. **Psychology Research and Behavior Management**, [s. l.], v. 13, p. 319-330, 2020. DOI: <https://dx.doi.org/10.2147%2FPRBM.S204274>.

WATSON, L. B.; LEWIS, J. A.; MOODY, A. T. A sociocultural examination of body image among Black women. **Body Image**, [s. l.], v. 31, p. 280-287, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.03.008>.

WE ARE SOCIAL. **Digital 2023 global overview report**. [S. l.]: We Are Social, 2023. Disponível em: <https://wearesocial.com/wp-content/uploads/2023/03/Digital-2023-Global-Overview-Report.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2023.

WE ARE SOCIAL. **Digital 2021 global overview report**. [S. l.]: We Are Social, 2021. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2021/01/digital-2021-uk/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

WEDDERBURN, C. M. **O racismo através da história**: da antiguidade à modernidade. [S. l.: s. n.], 2007. Disponível em: <http://www.ammapsique.org.br/baixar/O-Racismo-atraves-da-historia-Moore.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.

WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-129020162610>.

WILDER, J. Revisiting “color names and color notions.” **Journal of Black Studies**, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 184-206, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1177/002193470933798>.

WILLIAMS, D. R.; PRIEST, N. Racismo e saúde: um corpus crescente de evidência internacional. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 124-174, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/15174522-017004004>.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

XAVIER, C. L. **Mito da beleza**: como a publicidade reforça o padrão de beleza vigente. 2006. 62 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/1390>. Acesso em: 25 ago. 2023.